

Anna de Oliveira

13-3-May

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Janeiro de 1925

N.º 1

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Redactor-director:

Largo do Arouche, 62

Prof. J. Pinto e Silva

SUMMARIO:

A Revista Escolar.

LIÇÕES PRATICAS: Composições collectivas, Cidades principaes de S. Paulo, Os ruminantes, O rectangulo, O sujeito, Folhas, Arithmetica no 1.º anno.

PEDOLOGIA: Crianças tardias, A imaginação e suas variedades na criança, Estudo experimental da criança.

LIÇÕES DE COISAS: Alimentos e alimentação, O ferro, O algodão, Os tecidos, A agua.

METHODOLOGIA: Processo educativo.

LITTERATURA INFANTIL: A laranjeira, Rosa, Os dedos, Alegria e tristeza, Os passaros. O cavallo e as ostras, Crianças, Estados dos corpos, Uma historia, Dedicção, A caixinha de sementes.

ESCOTISMO: Valor do escotismo.

QUESTÕES GERAES: Palestras sobre ensino, Bibliothecas infantis, Disciplina escolar.

PELAS ESCOLAS: Escolas ruraes, Escola Normal do Braz.

NOTICIAS: Matriculas, Férias escolares, Uniformização de férias.

DIRECTORIA GERAL: Actos diversos.

SECRETARIA DO INTERIOR: Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1925

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Janeiro de 1925

N.º 1

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — Janeiro — 1925.

Eis o 1.º numero da REVISTA ESCOLAR. Sua denominação, as secções de que se compõe e, sobretudo, a materia nella contida, dizem claramente os seus intuitos.

Inoportuna, ou melhormente, desnecessaria se nos afigura qualquer explanação tendente a expôr os motivos e a razão de sêr desta publicação. Isto seriam divagações ociosas, inuteis.

Certa do apoio das classes letradas e, principalmente, do concurso intellectual do professorado, a REVISTA ESCOLAR espera poder contribuir efficazmente para o aperfeiçoamento do ensino publico paulista. Ella aguarda, pois, com prazer, collaborações de character didactico, informações pedagogicas, instrucções, esclarecimentos, emfim todo e qualquer trabalho que se harmonize com a sua natureza e os seus fins.

Appellando, portanto, mais uma vez, para a boa vontade e esforço dos que pôdem concorrer com suas luzes em prôl do ensino e educação da infancia, a REVISTA lhes antecipa seus melhores agradecimentos e declara procurar sempre, por todos os meios ao seu alcance, responder aos auxilios que lhe forem prestados.





LIÇÕES PRATICAS

LINGUAGEM ORAL

COMPOSIÇÕES COLLECTIVAS

Dentre os variadissimos exercicios de Linguagem oral, as composições collectivas occupam um logar de destaque, como excellente processo no ensino dessa disciplina.

Entende-se por composições collectivas o trabalho literario em que a classe toda collabóra, concorrendo cada alumno com uma ou mais sentenças necessarias para o fim collimado. A attenção, a reflexão, a imaginação e a memoria ahi se exercitam de maneira altamente proveitosa para a intelligencia em geral. Para confirmar este asserto, basta considerar a ordem e a logica que devem presidir á successão das sentenças.

Tão util, tão efficiente é esse exercicio, que, dado o caso de, numa composição qualquer, não terem collaborado alguns alumnos, estes mesmos nada perderam, por isso que acompanharam o trabalho em sua evolução. E tanto assim é, que, chamado um desses alumnos, elle repetirá toda a composição, sem difficuldade alguma, a não sêr que não tivesse prestado attenção no decorrer da aula.

Convem ainda attender que as composições collectivas habitúam o estudante a coordenar suas idéas, a corrigir a linguagem, a observar praticamente a syntaxe, a preparar-se, enfim, para composições individuaes, quer oraes, quer escritas, em virtude, de o seu trabalho ficar sujeito á immediata direcção do professor.

Acompanhemos uma aula dessa natureza.

Professor. — Vimos, hontem, a historia daquelle menino malfeitor... Como era mesmo o seu nome ?

Alumno. — Elias.

P. — Isso mesmo... Elias. Era um menino mau, não acham ?

A. — Sim, professor.

A. — Muito mau.

A. — Era mesmo... coitado do passarinho que elle matou !

P. — Já vejo que não gostam dos meninos maus, e têm razão. Só gostam dos bons, não é verdade ?

- A. — Sim, senhor.
- P. — Então, falemos dum bom menino; inventemos uma historia a respeito d'elle. Querem ?
- A. — Queremos, queremos, sim.
- P. — Primeiramente, como se chamará esse menino, Julio ?
- A. — Roberto. E' um bonito nome.
- P. — E' verdade. Comece lá a historia.
- A. — Roberto era um bom menino.
- P. — Continúe, Alfredo.
- A. — Um dia elle ia indo, muito alegre, para a escola.
- P. — Você, Thomaz.
- A. — No caminho encontrou-se com um colleginha, que vinha chorando.
- P. — Muito bem ! A historia está bem começada. Quem quer continual-a ?
- A. — Eu, eu, professor.
- P. — Pois continúe, Luizinho.
- A. — Roberto teve muito dó do pequeno.
- P. — Adeante, Paulo.
- A. — Parou e perguntou-lhe: porque está chorando, Mario ? Que aconteceu ?
- P. — Basta, Paulo. Agora, os alumnos que ainda não falaram, irão falando cada qual por sua vez, sem precisarem sêr chamados. Aquelle, porém que falar uma vez, não poderá falar mais. Não acham bem, assim ?
- A. — Muito bem, Sr. professor.
- P. — Quero vêr si desse modo, todos concorrerão para a historia do Roberto. Outra coisa: os que falarem, continúem prestando muita attenção. Entenderam ?
- A. — Entendemos, sim, senhor.
- P. — Continuemos, pois. Fale outro menino.
- A. — Nada, nada me aconteceu, Roberto.
- P. — Outro.
- A. — Nada ?! Como assim ?! Mas, por nada não se chora. Vamos, meu amiguinho, fale.
- P. — Outro alumno.
- A. — Perdi meus desenhos, e a professora recommendou que nenhum alumno deixasse de leval-os hoje.
- P. — Adeante; outro menino.
- A. — Mas, que culpa tem você nisso, meu amigo ?
- P. — Adeante.
- A. — Nenhuma, mas eu tenho vergonha da professora.
- P. — Continúem.

A. — Ora, ora, não chore mais, Mario. Eu falarei com sua mestra e tudo se arranjará.

P. — Outro alumno.

A. — Ella é muito bondosa; saberá desculpar. Vamos para a escola, Mario.

P. — Você, agora, Pedrinho.

A. — (?)

P. — Chamei-o de proposito. Vi que não estava prestando attenção. Por isso não soube continuar. Não faça mais assim, ouviu? Continúe outro menino.

A. — E Roberto deu o braço ao colleguinha e o conduziu para a escola.

P. — Adeante.

A. — Contou o caso á professora de Mario, pedindo desculpas por elle. A mestra consolou o pequeno, dando-lhe um affectuoso abraço.

P. — Continuemos..

A. — Depois abraçou tambem o Roberto, que ficou muito satisfeito.

P. — Ora, muito bem. Nem todos puderam falar, mas estou certo de que, á excepção de Pedrinho, qualquer dos que não falaram é capaz de reproduzir a historia. Vejamos, pois, quem quer repetil-a.

Alumnos. — Eu, eu...

P. — Basta um. Você, Carlos, conte a historia toda.

A. — (Contará a historia inteira e nessa occasião o professor terá oportunidade de fazer correccões de linguagem, como naturalmente já o fez no decorrer da lição.)

P. — Estou muito satisfeito. Amanhã todos vocês escreverão a historia de Roberto. E, quando formos fazer outra composição oral, começarei a chamada pelos que não tomaram parte na de hoje.

GEOGRAPHIA

CIDADES PRINCIPAES DO E. DE S. PAULO

Antes de encetar nossa lição sobre as cidades principaes do E. de S. Paulo, cumpre considerar que o ensino da Geographia, seja qual fôr a classe a que se dirija, só é perfeito, só é efficiente, quando effectuado simultaneamente com observações no respectivo mappa.

Na lição que segue, por exemplo, o alumno, procurando os pontos de referencia da mesma, graval-a-á

no espirito, tal o poder da memória visual ahí intelligentemente exercitada. Ademais, os exercicios praticos, que devem acompanhar *pari passu* esse estudo, simulando viagens dum ponto a outro, ou excursões pelas estradas de ferro e de rodagem, ou transportes pelos rios navegaveis, bem como outros exercicios sobre as posições geographicas entre duas cidades, entre uma cidade e um porto, entre este e uma ilha, etc., etc., completarão seu trabalho preliminar.

Dados estes conhecimentos, o alumno proseguirá, tratando de integralizar o estudo nas partes relativas á população, commercio, industria, agricultura, instituições, etc., etc., de cada cidade.

Banido, pois, o classico processo de decoraçào inconsciente, em que o estudante adquire apenas um amontoado de nomes de cidades, rios, portos, ilhas, montanhas, etc., ficará elle senhor de tudo quanto de util e aproveitavel o assumpto possa encerrar.

Dicto isto, passemos á lição cujo titulo encima estas linhas.

Professor — Pedro, vejamos as cidades que você estudou, já se sabe, do modo por que ensinámos.

Alumno — S. Paulo, Santos, Campinas, Ribeirão Preto...

P. — Basta. Diga-me cá: si você tivesse de ir da capital a Santos, por exemplo, que direcção tomaria?

A. — A direcção de sudeste.

P. — Muito bem; já vejo que estudou a lição pelo mappa. Em todo o caso, indique-me essas duas cidades.

A. — (Mostra as cidades.)

P. — E como você se transportaria daqui para Santos?

A. — Pela estrada de ferro *S. Paulo Railway*, que liga Santos a Jundiahy.

P. — E' verdade... e Jundiahy em que posição fica relativamente á capital?

A. — Fica ao oeste... approximando-se mais do norte. A noroeste, portanto.

P. — Muito bem, Pedro; é o bastante. Agora, você, Miguel, qual é a importancia de Santos?

A. — E' uma cidade servida por um excellente porto de mar.

P. — Mostre-me esse porto.

A. — Eil-o.

P. — Mas, que importancia tem um bom porto?

A. — Grande importancia. Um bom porto de mar é onde chegam os navios carregados de mercadorias importadas do extran-

geiro; é o ponto donde sahem outras embarcações, levando generos do paiz. E' pelos portos que se effectuam as relações commerciaes e outras entre as nações.

P. — Conhece outro porto importante do Estado ?

A. — Conheço: o de Iguape.

P. — Vejamos, agora, o que você sabe mais a respeito de Santos ?

A. — Santos é uma cidade muito commercial, servida por uma linha de bondes electricos, que a percorrem em seus pontos principaes. Tem bellas praças ajardinadas, praias magnificas, como a do Guaruja...

P. — Bravo, Miguelzinho ! Agora, você Arthur, diga-me alguma coisa mais sobre Santos.

A. — Sua população é calculada em... 70.000 habitantes, mais ou menos. Possui estabelecimentos de ensino, cujos principaes são: o Grupo Escolar "Barnabé," a Escola de aprendizes marinheiros, etc.

P. — Continúe você, Romão.

A. — E' a terra de José Bonifacio, o patriarcha da independencia do Brasil; de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o precursor da navegação aerea...

P. — Basta, basta, Romão. Continuaremos amanhã o nosso estudo sobre Santos, e depois passaremos a outras cidades de S. Paulo.

ZOOLOGIA

OS RUMINANTES

Tratando-se de ensino de Zoologia, no curso primario, desnecessario é affirmar o seu valor, quando elle, afastando-se das minucias de classificações, divisões, grupos, ordens, familias, etc., bem como da technologia que lhe é peculiar, trata principalmente de visar o lado pratico que encerra. Assim considerando, passemos a uma lição sobre os ruminantes.

Professor — Luiz, conhece você alguns ruminantes ?

Alumno — Sim, professor: o boi, a cabra, o carneiro, o camelo, etc.

P. — Que é um ruminante ?

A. — E' um animal que rumina, isto é, faz voltar, á bocca os alimentos que guardou no estomago e tritura-os, para depois engulir-os novamente.

P. — Muito bem. E são animaes uteis ?

A. — MUITISSIMO uteis, principalmente o boi.

P. — Basta, Luiz. O Fernando vae continuar. Fernando, você acha que o boi é muito util ?

A. — Eu penso que é o ruminante mais util que existe.

P. — Porque ?

A. — Porque, em vida, é um auxiliar de primeira ordem ao homem.

P. — Como assim ?

A. — Dotado de grande força muscular, elle o auxilia no campo puxando o arado; arrasta carros carregados de grandes pesos; transporta das florestas colossaes troncos. A femea, isto é, a vacca nos dá o leite, precioso alimento não só para as crianças, como para os adultos...

P. — Basta, basta. Fernando. Continúe você, Juvenal.

A. — Sim, senhor. O boi tambem nos dá sua carne, outro alimento de primeira ordem aos homens; a pelle, depois de curtida, serve para o fabrico de calçados, bolsas, etc.; enfim, é empregada em innumerous artefactos; seus ossos são aproveitados para a fabricação de botões, pentes, cabos de facas e outros instrumentos; seus chifres e cascos tambem são transformados em objectos uteis; enfim, póde-se dizer que não ha o que se não aproveite desse util animal; pelle, carne, sangue, ossos, visceras, tudo d'elle é utilizado.

P. — Respondeu muito bem, Juvenal. Agora, você, José, fale-me dos outros ruminantes que o Luiz indicou.

A. — A cabra. Quasi tão util como o boi, ella nos dá excellente leite; algumas especies ha, cujos longos pellos são empregados para tecidos. O carneiro, utilissimo, principalmente pela sua lã; o camelo, empregado nos logares de sua origem, como animal de carga, prestando serviços como o cavallo.

P. — Basta, José; muito bem. Alvaro, os ruminantes são todos animaes domesticos ?

A. — Não; alguns, como o boi, a cabra, o carneiro, o são; outros, como o veado, a vicunha, etc., são selvagens.

P. — Mostre-me agora nos mappas os animaes estudados.

A. — Eil-os. (O alumno mostrará os animaes e falará dos pontos de origem dos mesmos, etc.)

P. — E' o sufficiente, por hoje. Todos responderam bem e me satisfizeram. Na proxima lição continuaremos nosso estudo sobre os ruminantes e falaremos mais detalhadamente sobre os productos que o boi nos dá e como se fabricam os objectos das materias primas que elle nos fornece.

GEOMETRIA

O RECTANGULO

A Geometria, que nas classes inferiores do curso primario pôde se limitar ao desenho e descripção das linhas e figuras, ao recôrte destas em papel cartão, ao seu estudo por meio dos sólidos geometricos e a outros exercicios adequados aos pequenos daquellas classes, deve ter maior desenvolvimento nas classes superiores, onde os alumnos, dados seus conhecimentos arithmeticos, estão aptos para fazer os calculos necessarios á avaliação de areas, volumes, etc. Além disso, cada figura poderá sêr estudada não só sob o aspecto referido, como tambem quanto á sua construcção e applicação pratica.

Assim sendo, o ensino da Geometria nas escolas publicas satisfará plenamente o seu fim.

A lição que segue mostrará o processo geral para o ensinamento de tão util materia no curso primario.

Professor — Poderá você, Manoel, desenhar na lousa um *verdadeiro* rectangulo, apenas tendo o giz na mão ?

Alumno — Não, senhor.

P. — E porque ?

A. — Porque as medidas dos lados, bem como a dos angulos, não sahiriam certas.

P. — Respondeu bem. Como fazer, então ?

A. — Primeiramente, com o auxilio da regua, traçarei uma horizontal sobre a lousa.

P. — E não podia sêr vertical essa linha ?

A. — Podia, mas para facilitar o trabalho, traço uma horizontal.

P. — Continúe.

A. — Depois, marcarei nessa linha a base do rectangulo por meio de dois pontos que assignalarão não só a dimensão como as extremidades dessa base. Para este primeiro trabalho, servir-me-ei duma regua graduada.

P. — E em seguida ?

A. — Em seguida, com o compasso, fazendo centro numa das extremidades da base, marcarei sobre a linha e equidistantes dessa extremidade, outros dois pontos. Finalmente, fazendo centro nestes ultimos pontos, descreverei, acima da base, dois arcs que se cruzem. Applicando depois a regua, traçarei uma perpendicular que, partindo da extremidade da base, passe pelo ponto de cruzamento dos arcs.

P. — E' bastante. Romeu continuará.

A. — Pois não, professor. Da mesma fôrma por que Manoel, eu levantaria nova perpendicular á outra extremidade da base. Depois, tomaria com a regua, nas perpendiculares, as dimensões pedidas para a altura do rectangulo, marcaria os pontos extremos dessas dimensões e os uniria por meio duma recta.

P. — Este ponto está claro. Tratemos agora de medir a area desse rectangulo. Como procederá você ?

A. — Já vimos que elle tem $0^m,20$ de base e $0^m,10$ de altura. Ora, como a area dum rectangulo é o producto de sua base pela altura, o nosso rectangulo terá de area o producto de $0^m,20 \times 0^m,10$ ou 200 centímetros quadrados.

P. — Bem. Supponha-se que precisamos saber o valor dum terreno rectangular que mede 30 metros de largura e 50 de comprimento, á razão de 40\$000 por metro quadrado. Quem me responderá ?

A. — Eu, eu, professor.

P. — Fale, meu amiguinho.

A. — Considerando o terreno um rectangulo cuja altura é representada pela largura (30 metros) e cuja base é representada pelo comprimento (50 metros) — multiplicarei primeiramente 30 por 50 e terei a area de 1500 metros quadrados...

P. — Bravissimo, Raphael ! Meus parabens !

A. — Muito agradecido, meu professor.

P. — Continúe, você, Joaquim. Póde ?

A. — Posso, professor. Sabendo eu que cada metro quadrado custa 40\$000, 1500 metros custarão 1500 vezes 40\$000 ou 60:000\$ — preço total do terreno.

P. — Outra coisa, Joaquim. Si você precisasse marcar num terreno plano uma area que tivesse por limites 100 metros em cada lado maior e 40 em cada um dos outros dois lados, como procederia ?

A. — Construiria sobre esse terreno um rectangulo, como o fez Manoel na lousa, com a differença que empregaria a trena em vez da regua, o esquadro em vez do compasso. Além disso, precisaria usar de estacas e ter um auxiliar para a medição.

P. — Basta, por hoje. Na proxima lição falaremos ainda do rectangulo.



LINGUAGEM

O SUJEITO

A professora trará varios e diversos objectos mais ou menos vivos e attrahentes. Nada é comparavel como obter a attenção toda da criança.

A' medida que mostrar um ou outro objecto, exigirá da alumna interrogada uma sentença curta, porém clara e sempre pronunciada em voz alta.

Quando mais ou menos todas as alumnas tiverem oralmente formado uma sentença, a professora chamará ora uma das mais atrasadas, ora as mais adeantadas, para escreverem no quadro negro as sentenças formadas.

Aproveitará o ensejo para corrigir qualquer erro de orthographia e quiçá de construcção.

P. — Vamos, Alice, que sentença você dirá desta flôr ?

A. — A rosa é bonita.

P. — E você, Olga ?

O. — Essa rosa tem espinhos.

P. — Ainda outra, Judith ?

J. — Essa rosa é vermelha.

P. — Córa, faça uma sentença com o nome deste objecto.

C. — A bola é verde.

P. — E com o deste objecto, Celia ?

C. — Sua boneca é preta.

P. — De que falamos nas tres primeiras sentenças ?

A. — Da rosa.

P. — Depois ?

A. — Da bola.

P. — Quem é capaz de me achar o nome que convem a essas palavras todas com as quaes formámos as sentenças ?

A. — São nomes.

P. — Sim, mas vocês nunca ouviram a palavra — *sujeito* ?

A. — Eu já ouvi o papae dizer: — nosso empregado é um bom sujeito.

P. — Muito bem. Pois essa palavra *sujeito* representa um papel bem importante na linguagem e quero pensar que vocês hão de guardal-a em suas cabecinhas.

P. — Quem é bonita ?

A. — A rosa.

P. — Que nome tem a rosa, na sentença ?

A. — Sujeito.

P. — Quem é verde ?

A. — A bola.

P. — Como se chama a bola, na sentença ?

A. — Sujeito.

P. — Agora, cada alumna vae escrever no seu caderno de apontamentos a palavra *sujeito* e formará com: rosa, boneca, jardim, e lição umas sentenças curtas, tendo estas palavras como sujeito.

Não se esqueçam de passar um traço debaixo de cada sujeito.

BOTANICA

AS FOLHAS

Como todo o ensino que se dirige ás crianças do curso primario, o da Botanica, só será proficuo, desde que nelle seja tratado, com o maximo carinho, o seu lado pratico e utilitario.

Dando, pois, a lição que segue sobre Folhas, poremos de parte as especulações a respeito de suas fórmas geometricas, estrutura, elementos que as compõem, etc., para nos preoccuparmos principalmente do papel particular que ellas desempenham, já como productos medicinaes, já como agentes purificadores do ar atmospherico.

Professor — Trouxeram vocês, meus alumnos, as folhas que pedi ?

Alumnos — Trouxemos.

P. — Bentinho, mostre-me a folha que tem.

A. — Eil-a; é uma folha de herva-cidreira.

P. — Bonita folha ! E que cheirosa que ella é ! Sabe, você, para que serve a herva-cidreira ?

A. — Para chá, quando se tem colicas intestinaes e alguns outros incommodos.

P. — Isso mesmo. Mas, como se prepara um chá ?

A. — Muito simplesmente: lavam-se algumas folhas da herva, põem-se-as numa chicara, derrama-se sobre ellas uma certa porção de agua fervendo e tampa-se bem a chicara. Dahi a alguns minutos o chá estará prompto para sêr tomado.

P. — E' assim mesmo. Mas, porque você já não ferve a agua juntamente com as folhas ?

A. — Porque, nesse caso, o vapor da agua levaria comsigo grande parte das substancias medicamentosas nellas contidas. O chá não seria tão bom como o feito pelo primeiro processo.

P. — Bravo, Bentinho ! Respondeu muito bem. Vou agora chamar outro collega seu. Você, Joaquim, quaes as folhas que dão melhor chá ? As verdes ou as seccas ?

A. — As seccas, professor.

P. — Porque ?

A. — Porque dellas já se evaporou a agua que continham, ficando-lhes sómente as substancias medicamentosas. Por isso o seu chá será melhor.

P. — Muito bem. Conhece outras folhas medicinaes ?

A. — Conheço muitas, por exemplo, as do poejo, da hortelã, da salva, da laranjeira, do eucalypto e muitas outras.

P. — Nosso paiz tem muitas folhas medicinaes ?

A. — Muitas; o Brasil é duma riqueza incomparavel em plantas medicinaes. Em seus campos e em suas florestas encontra-se quasi toda a especie de folhas empregadas na therapeutica.

P. — Estou satisfeito, Bentinho. Vou chamar outro menino. Você, Fernando.

A. — Prompto, professor.

P. — Diga-me para que servem as folhas, em geral ?

A. — Para purificar o ar que respiramos. E' por isso que se arborizam as ruas e praças publicas. As plantas não só embellezam as cidades, como concorrem para a saúde de seus habitantes.

P. — Como assim ?

A. — Pois, durante o dia, ellas lançam, principalmente pelas folhas, o oxygenio tão util para os nossos pulmões...

P. — E durante a noite ?

A. — Durante a noite as folhas e flôres expellem outro gaz — o carbono, improprio para a nossa respiração. Por isso não devemos dormir em aposentos onde haja flôres.

P. — Por hoje, é o sufficiente. Continuaremos outro dia nossa lição sobre as folhas.

ARITHMETICA

(A ARITHMETICA NO 1.º ANNO)

O ensino da Arithmetica no Primeiro Anno é tão importante quanto o da Leitura.

A difficuldade que depois encontram alumnos e professores no estudo e ensino desta materia nos outros annos, é devida a um ensinamento pouco criterioso, muitas vezes apressado e defeituoso.

Em Arithmetica, mais do que noutra qualquer disciplina, deve-se procurar conseguir que a classe seja a mais homogenea possivel. A criança não se interessa por aquillo que já lhe é demasiado conhecido, assim como não pôde acompanhar a classe, ainda que o queira, si houver lapso ou falha nos seus conhecimentos. Um alumno que entendeu e assimilou o que o professor procura ensinar á classe, trata agora de brincar; um alumno que vae *arrastado* pela classe, não aprende Arithmetica.

E' necessario e indispensavel começar o estudo de Arithmetica á vista de objectos, cubos, tornós, etc, pois "só conseguimos adquirir conhecimentos por meio de padrões introduzidos no cerebro, pelos sentidos."

O que porém é importante, é conhecer *quando* se conseguiu introduzir clara e definidamente esses padrões no cerebro infantil; conhecer *quando* a criança gravou no cerebro a idéa da quantidade representada por dois dedos, dois cubos, etc. Só então devem sêr abolidos os objectos, quando a criança conhecer perfeitamente "as quantidades eguaes que fórman o todo, as partes eguaes dum numero, as partes quaesquer que contem um numero."

LIÇÃO I

(Esta lição e as que seguem devem sêr dadas junto ao quadro negro e á mesa onde estarão os diferentes objectos.)

Professora — Traga-me um livro, Arthur.

— Traga-me um lapis, Augusto.

— Mostre-me um dado, Alberto.

— Mostre-me uma borracha, Alcides.

— Quantas professoras ha na classe, Roberto ?

Alumno — Uma professora.

P. — Quantas boccas tem você, Armando ?

A. — Uma bocca.

P. — Quantos relógios vê você, na sala ?

A. — Eu vejo um relógio.

P. — Quantas cabeças tem você, Antonio ?

A. — Eu tenho uma cabeça.

P. — Agora, vamos fazer um risquinho, que quer dizer *um* livro, *um* lapis, *um* dado, *uma* borracha, *uma* professora, *uma* bocca, *um* relógio, *uma* cabeça. (Faz o algarismo *um* no quadro negro.)

P. — Quem quer escrever *um* tinteiro ?

A. — Eu quero.

P. — Venha você, Arlindo.

(Arlindo escreve o algarismo *um*, ao passo que repete: *um* tinteiro.)

Continuam assim a vir ao quadro negro todos os alumnos, repetindo sempre o numero *um* seguido do nome daquillo que o numero *um* representa.

LIÇÃO II

Professora. — Antonio, traga-me *dois* lapis.

— Augusto, dê-me *dois* cubos.

— Alvaro, mostre-me *dois* dedos.

— Alcides, levante os *dois* braços.

— Quantas orelhas tem você, Armando?

Alumno. — Eu tenho *duas* orelhas.

P. — Quantos pés temos nós?

A. — Nós temos *dois* pés.

P. — Quantos olhos temos nós?

A. — Nós temos *dois* olhos.

P. — (Erguendo *duas* reguas.) Quantas reguas tenho eu?

A. — A senhora tem *duas* reguas.

P. — Pois bem, agora vamos fazer o signal que quer dizer *dois* lapis, *dois* cubos, *dois* dedos, *dois* braços, *duas* orelhas, *dois* pés, *dois* olhos, *duas* reguas. (Vae ao quadro negro e faz o algarismo *dois*.)

P. — Quem quer agora escrever, *dois* tostões?

A. — Eu quero.

P. — Venha você, Alberto. (Alberto vae ao quadro negro e escreve o algarismo *dois*, repetindo: *dois* tostões. Continuam a vir á lousa todos os alumnos, dizendo sempre *dois*, seguido do nome do objecto que o *dois* representa.)

P. — Vamos vêr quem se lembra do risquinho que quer dizer *um* caderno.

A. — Eu sei, eu sei.

(Então virão ao quadro negro aquelles que na vespera tiveram mais difficuldades em fazer o algarismo *um*.)

LIÇÃO III

(Sempre á vista de objectos.)

P. — Mostre-me *dois* lapis, Antonio.

A. — (Ergue *dois* lapis.)

P. — Ponha *um* lapis na mão direita e *um* na mão esquerda.

Agora vamos prestar attenção. A mão direita tem *um* lapis e a mão esquerda tem *um* lapis. Então: *um* lapis e mais *um* lapis. Quantos lapis são, quando estão juntos?

A. — São *dois* lapis

P. — Muito bem. Diga você agora tudo, sósinho, Antonio.

A. — *Um* lapis e mais *um* lapis são *dois* lapis.

(A' medida que o alumno menciona um objecto, deve fazer com que a classe toda possa vê-lo e acompanhar o exercicio.)

P. — Antonio nos contou a historia de *um* lapis e mais *um* lapis; agora eu queria que outro menino me contasse outra historia parecida com essa.

A. — Eu sei contar.

P. — Então, vamos ouvir você, Alcides.

A. — *Um* livro e mais *um* livro são *dois* livros.

P. — Quem sabe outra?

A. — Eu tinha *um* tostão, recebi mais *um* tostão e fiquei com *dois* tostões.

(A repetição e variedade destes exercicios é conveniente, mas é preciso estar attenta para que essa repetição cesse quando a classe tiver aprendido aquillo que a repetição tende a obter.)

P. — (Pegando os dois lapis e escondendo um.)

— E si eu tivesse *dois* lapis e perdesse *um* delles, com quantos ficaria, Alberto?

A. — A senhora ficaria só com *um*.

P. — Agora, vamos ouvir Augusto contar outra historia parecida com esta.

A. — Na gaiola estavam *dois* passarinhos. *Um* passarinho fugiu. Ficou só *um* passarinho.

(Seguem-se outros exemplos.)

P. — (Retomando os dois lapis.) Eu tenho *dois* lapis, mas sou muito descuidada e perco os *dois* lapis. (Escondendo os dois.) Quantos lapis me restam?

A. — A senhora ficaria sem lapis *nenhum*.

P. — E' isso mesmo. Vamos conhecer o signal que o giz faz quando quer dizer *nenhum* lapis, *nenhum* menino, *nenhuma* professora. (Faz o zero no quadro negro, explicando que se póde dizer zero, *nada* ou *nenhum*. Segue-se exercicio identico ao feito com o *um* e o *dois*.)

P. — (Dando os dois lapis ao alumno.) Quantos lapis tem você?

A. — Eu tenho *dois* lapis.

P. — Si você não perder, nem gastar, nem der *nenhum* dos lapis, quantos lapis continúa você tendo?

A. — Eu fico com *dois* lapis ainda.

P. — E' isso mesmo. *Dois* lapis menos *nenhum* lapis são *dois* lapis. Agora, pegue você, Arthur, em *duas* laranjas. Eu quero que você dê a metade das suas laranjas ao Alvaro.

A. — (Dá uma das laranjas ao Alvaro.)

P. — Quantas laranjas você deu ao Alvaro ?

A. — Eu dei *uma*.

P. — E com quantas você ficou ?

A. — Eu também fiquei com *uma*.

P. — Então, si você tem o mesmo que Alvaro, as laranjas foram divididas ao meio, isto é, você ficou com a metade e elle com a outra metade. Com quantas ficou você ?

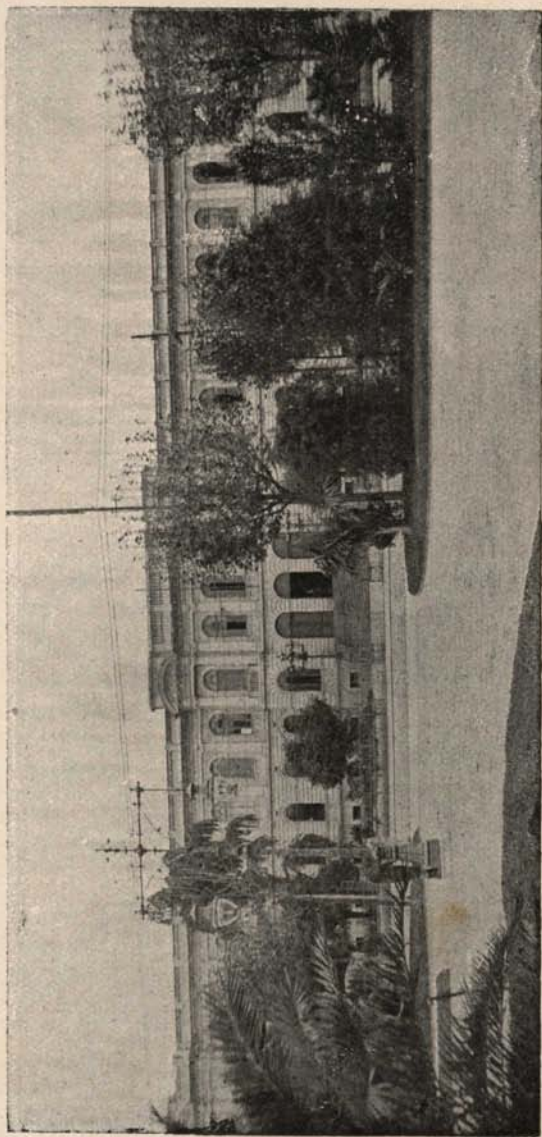
A. — Eu fiquei com *uma* laranja.

P. — Então, *uma* laranja é a *metade* ou o *meio* de *duas* laranjas.

(Este exercicio precisa sêr repetido e variado, talvez mais do que os precedentes. Poderá o professor ensinar no quadro negro o traço que representa a fracção, dizendo que está cortando uma coisa ao meio quando faz o traço.)

(*Continúa.*)





ESCOLA NORMAL DA PRAÇA DA REPÚBLICA — CAPITAL

PEDOLOGIA

CRIANÇAS TARDIAS

(CLEMENTE BELTRAND. — Traduc.)

A intelligencia, esse dom precioso que adorna os animaes, essa bella faculdade de conhecer, de entender, de dar-nos conta de nossa existencia, não é dada a todos os sêres humanos na mesma quantidade, no mesmo grão. Nem sempre serve para o bem-estar nesta passageira vida, nem tão pouco é uma couraça, um salvo-conducto, uma variedade de virtude, para livrar-nos da dôr e da miseria. Antes, na historia das grandes intelligencias humanas ha quasi sempre grandes dôres e grandes misérias.

O mundo e seu bem-estar são geralmente das intelligencias medianas.

Em troca, essa lentidão de conceber idéas, essa falta de habilitade e destreza, essa fealdade a que chamamos rudez, essa falta de intelligencia, é uma desgraça que não raro serve para pôr um homem em ridiculo e sêr objecto de tyrannias ou de gratuitas antipathias.

Succede que o menino intelligente, vivo, audaz, quasi sempre é melhormente attendido, acolhido e tolerado em sua casa e, infelizmente, na escola succede-lhe o mesmo. O menino intelligente é o que, em linguagem escolar, significa o preferido pelo mestre, não se dando o mesmo com o tardo, o atrasado. Será injusta essa preferencia ?

Cremos que, fóra a preferencia individual que o menino, pela sua boa conducta e applicação mereça na escola, não deve haver nenhuma outra, sobretudo a que possa demonstrar desprezo para com os infelizes meninos tardios.

Nem todos os mestres tratam com bondade e justiça os meninos tardios, embora tenham boa conducta. Isto equivale a tratar bem um louro porque é louro e mal um moreno porque é moreno; entretanto, ambas as qualidades — ser louro ou moreno, não as escolheu o menino. A de sêr tardio, deve-se pensar tambem, é uma casualidade innata ao proprio individuo e por conseguinte, esses meninos são perfeitamente irresponsaveis por essa infelicidade.

Temos ouvido muitos mestres dizerem ingenuamente: "Este anno recebi muitos alumnos tardios; os do anno passado não eram assim; todos muito intelligentes, tanto que passaram para outro curso." Ha nisto dois preconceitos, dois erros, duas grandes injustiças desses mestres, julgando os meninos. A primeira, comparando

o curso dos que saem com o dos que entram. Têm ainda na idéa muito fresca a boa impressão dos meninos ensinados durante um anno, do terreno adubado, lavrado, e os comparam com os que acabam de chegar. A segunda injustiça é o tom depreciativo com que se os trata porque a maioria é atrasada.

E' muito difficil, para ser imparcial, decidir qual o menino intelligente e qual o tardio.

A's vezes nos enganamos: é necessario observar, tratar intimamente com um menino, ser dotado de uma certa agudeza de talento, porque o atrazo pôde sêr apparente e não real, e a excessiva actividade pôde sêr tomada por intelligencia precoce.

Daqui vem a necessidade que tem o mestre de conhecer as leis geraes da Psychogenia e sobretudo as derivadas dos conhecimentos anthropologicos — Anatomia e Physiologia.

Quando se educa e se instrue um menino com pouco exito, não lançar á rudez esse pouco ou nenhum exito, a não sêr que se trate de meninos anormaes, imbecis ou que não tenham vontade de aprender; esse fracasso deve sêr attribuido ao pouco tacto psychologico do mestre, applicação dispartada dum processo, quando não, á materia de ensino que pôde sêr demasiada ou superior ás intelligencias infantis. Trabalhado psychologicamente, com conhecimento scientifico de causa e de effeito, o menino tardio deixa de o sêr em muitos casos. Sua intelligencia, que dormia, desperta-se; a centelha, que se achava occulta como a braza debaixo da cinza, arde, acorda, transforma-se em incendio e a luz se faz no cerebro do menino tardio. Sim, mestres, meditaes muito para falar; é muito difficil chamar sinceramente tardio a um menino. Duvidae primeiro da vossa competencia pedagogica, antes de crerdes que a natureza-mãe tenha de facto privado esse menino dum dos mais preciosos e cubiçados dons. Pensae tambem que, para desabrochar, desenvolver uma intelligencia se deve lutar ás vezes com muitas gerações, muitas heranças, muito atavismo e factores que rodeiam o menino, dos quaes o mesmo não pôde fugir.

Esse menino si é tardio, provavelmente pôde deixar de o sêr. Por essa mesma razão o mestre deverá ser bondoso, affavel para com os meninos tardios, devendo delles se compadecer e não aborrecel-os por seu atrazo.

Desejariamos que para julgar as faltas disciplinares nas escolas e applicar os castigos respectivos, considerassem os mestres a rudez dos meninos como attenuante e não como aggravante.

Como cremos, a rudez que não chega ao idiotismo, á patetice, é curavel; apontamos naturalmente, um tratamento escolar para os meninos tardios. A medida acertada seria: demonstrar e ter muito carinho para com elles, tratál-os com palavras faceis de enten-

derem, com palavras de alento, consolo, bondade, num tom paternal e de grande piedade e amor; proporcionar-lhes de quando em quando um pequeno triumpho escolar, guiando-os ao exito por meio de perguntas habeis, suaves e precisas, afim de que gozem e se estimulem com este triumpho. Sim, mestres, sede bons e justos para com os meninos chamados tardios; nada mais, nada menos: sede bons e justos.

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEYRAT)

CAPITULO I

NATUREZA DAS IMAGENS

Imagens — Em que sentido se deve comprehender este termo. Tantas imagens quantas forem as sensações. Relações destas duas especies de phenomenos. Identidade de natureza. Exemplos. Comunidade de sede.

Em linguagem vulgar, a palavra imagem tem uma accepção muito limitada; applica-se quasi exclusivamente aos phenomenos de ordem *visual*.

Contemplamos um panorama grandioso, arrebatamo-nos deante dum monumento, obra-prima de architectura, emocionamo-nos por uma scena — o quadro grava-se em nosso espirito e longe da paisagem, do edificio, muito tempo após o acontecido, guardamos ainda a representação mais ou menos fiel, mais ou menos intensa.

O que *vimos* nos apparece mentalmente. Ao nosso appello principalmente quando fechamos os olhos, vemol-o desenrolar-se; percebemos o conjuncto e não raro os mais minuciosos detalhes segundo nosso poder de *visualização*. Si os objectos lembrados são nossos familiares, uma tal lembrança é então facil e viva: como o rosto de nossos paes, de nossos amigos, o aspecto dos logares em que se passou a nossa juventude.

A esta reproducção da sensação optica dá-se o nome comum de *imagem*.

Entretanto, a faculdade que possuimos para nos lembrarmos de um phenomeno visual quando não existe mais, não se limita a esta unica ordem de representações. Não só figuramos uma pessoa ausente, mas ainda ouvimos o som da sua voz.

Si mesmo no escuro, a lembrança nos apresenta as côres mais ou menos vivas duma flôr, podemos egualmente imaginar seu perfume; quando o appetite nos solicita, sentimos até o gosto do prato desejado.

Ora, nestes diversos casos, o acto mental é o mesmo; ha sempre reproducção mais ou menos fraca duma sensação.

Si se dá o nome de *imagem* á reproducção viva das sensações visuaes, deve-se denominar do mesmo modo as sensações acusticas, tacteis-musculares, olfactivas, gustativas: de modo que as sensações podendo assim renascer, distinguir-se-ão outras tantas especies de imagens.

Certamente, uma vez notado o equivoco deste vocabulo, um nome especial seria preferivel para designar esta classe de phenomenos, mas nenhum dos que foram empregados ou propostos por varios psychologos offerece um sentido adequado. Conserva-remos pois, reconhecendo-lhe uma determinada significação e definiremos a imagem: *reproducção da sensação, reproducção geralmente mais fraca que esta, como veremos, mas não raro capaz de adquirir em certas condições uma tal intensidade que nos julgariamos ainda deante do objecto.*

Esta definição assim formulada, implica a identidade da natureza da sensação e da imagem.

Com effeito, entre estes dois phenomenos apenas existe uma differença de grau.

E' hoje, uma verdade reconhecida por todos os psychologos e cuja prova não mais se faz; prova multipla que apenas relembra-remos.

Recorramos antes de tudo á observação directa de nosso estado presente, ou na linguagem da escola — *ao testemunho de* nossa consciencia, isto é, experimentemos *realizar effectivamente* em nós mesmos a lembrança dum estado psychologico e não a lembrança da palavra que o exprime ou as circumstancias que acompanham a percepção; reconheceremos que isto não é possivel sinão realizando o proprio estado. Assim, recordando-nos claramente duma musica, do ruido dum carro, da voz dum amigo ou do canto do gallo, temos mais ou menos esses sons no ouvido.

Lembramo-nos, com precisão, do sabor dum fructo, dum pecego, dumas uvas; temos incontestavelmente o antegosto no paladar. Insistir sobre este ponto seria superfluo porque cada qual póde fazer uma tal observação.

A identidade da natureza da sensação e da imagem prova-se ainda pela *semelhança* de seus effeitos do qual se póde deduzir a das causas. — *Os effeitos physicos são os mesmos.* Van Awieten, vomitando á vista do cadaver dum cão exhalando um cheiro nauseabundo, achou-se por acaso, no mesmo logar, alguns annos depois. A lembrança do que então experimentára trouxe-lhe o mesmo enjôo e os mesmos effeitos. Um guloso diante dum bom guizado sente o gosto de tal modo, que *as papillas de sua lingua*

tornam-se húmidas; a imagem do sabor esperado equivale á sensação do sabor presente; a semelhança vae tão longe, que em ambos os casos, as glandulas salivares distillam no mesmo grau. — “Quando escrevia sobre o envenenamento de Emma Bovary, conta Flaubert numa carta a M. Taine, sentia o gosto do arsenico dum modo tal, que me envenenei devéras; tive até duas indigestões, duas reaes indigestões, e vomitei todo o meu jantar.”

Os effeitos psychologicos tambem: “Ha contos que nos trazem frio nas costas, isto é, que nos fazem sentir pelo menos alguns indícios das dôres nas quaes pensamos. Balzac conta de si proprio que, si imaginava um canivete entrando-lhe nas carnes, sentia dôres vivas. Não raro, estudantes de medicina julgam notar em si todos os symptomas das molestias que seus professores lhes descrevem pela primeira vez.” (Joby.)

Porém o que demonstra, e dum modo indiscutivel, a pequena differença entre a sensação e a imagem, é a *confusão* frequente que se estabelece entre ellas como acontece em tres casos differentes.

O facto tem lugar primeiro quando a vivacidade da lembrança é tal que se torna alucinação. Ninguém ignora que a loucura, a exaltação cerebral ou simplesmente o grande cansaço dum sentido offerecem casos numerosos. Não é raro que um toque de clarins ouvido ha muito tempo se faça ouvir novamente, embora a causa tenha deixado de existir. O olhar do astrónomo continúa a vêr no escuro o disco solar que acaba de considerar. As pessoas que se servem habitualmente do microscopio vêem algumas vezes reaparecer, espontaneamente muitas horas depois, o objecto que examinaram cuidadosa e minuciosamente.

M. Baillarger, tendo preparado muitos cerebros com uma gaze fina durante muitas horas por dia e isto muitos dias a fio, viu de repente a gaze cobrir a cada instante os objectos que se achavam em sua frente, e esta alucinação reproduziu-se muitas vezes.

Entretanto, fóra toda causa morbida ou todo jogo excessivo dos orgams dos sentidos, basta um grande poder de imaginação para realizar o mesmo effeito. Veremos diversos exemplos no curso deste estudo.

Contentemo-nos em transcrever o facto seguinte exposto por M. Briere de Boiomont (Alucinações): “Um monomaniaco dum espirito culto e ardente *traduzia immediatamente em falsas percepções visuaes* todas as idéas que lhe passavam pela cabeça. Bastava-lhe lembrar ou imaginar uma coisa ou uma pessoa para que immediatamente esta coisa ou esta pessoa fosse dotada duma apparencia real, exterior”.

Um dia, diz M. Michéa, encontramol-o com o olhar fixo, a bocca sorridente, batendo palmas como a applaudir. A nossa pergunta:

Que significa o que fazeis ? — Sou, respondeu-nos, como o louco de que fala Horacio; assisto a um espectáculo imaginario. Aborrecia-me sósinho, gosto muito das maravilhas da Opera, representei-me assistindo ao bailado da *Sylphide*, e quando batestes no meu hombro, applaudia Taglioni cuja dança vaporosa e cheia de nobreza nunca me encantou tanto.

Nos casos que precedem, a confusão assignalada provém duma intensidade excepcional do estado rememoriado. O resultado é o mesmo quando a *sensação desce*, ao contrario, ao *nível habitual da imagem*. Quando por exemplo um som se extingue pouco a pouco, chega um momento em que não sabemos mais si ouvimos ainda ou si já é apenas uma lembrança. Entretanto, o limite devia ser perfeitamente distincto, si houvesse entre o estado primario (sensação) e o rememorado uma differença especifica. Quando admiramos as estrellas, ao crepusculo, ora distinguimol-as bem, ora não, mas não nos é possível dizer ao certo quando são visiveis e quando não o são.

Semelhante confusão se produz, emfim, *quando falta a sensação*, como acontece nos sonhos; a imagem é tomada por uma sensação real, phenomeno devido tanto á propria intensidade da imagem como á ausencia dos seus reductores ordinarios, isto é, sensações reaes, concomitantes que poderiam corrigir e attenuar o effeito.

O conjuncto dos factos que precedem não deixaria pois nenhuma duvida sobre a identidade da natureza das sensações e de suas imagens, si esta não fosse definitivamente confirmada pelas experiencias claras que estabelecem a *communidade da sede cerebral*. Citaremos apenas a de Wundt. Este psychologo mostrou que a simples imagem duma côr viva muito tempo contemplada na imaginação, com os olhos fechados, dá lugar á sensação consecutiva duma côr complementar, como aconteceria si contemplassemos um objecto colorido, real. Por exemplo, si olharmos fixamente *em espirito* durante alguns instantes a imagem do vermelho, percebemos abrindo os olhos uma tinta verde sobre uma superficie branca.

M. Alex. Bain teve, pois, razão de dizer: "A impressão renovada occupa exactamente e do mesmo modo as mesmas partes nervosas que a impressão primitiva."

(Continúa.)

O ESTUDO EXPERIMENTAL DA CRIANÇA

(POR J. POIRY — Traduc.)

Ha, actualmente uma tendencia em querer fazer um estudo systematico e psychologico da criança. Tem-se tentado generalizar o modo pelo qual se desenvolve sua imaginação, e nas manifestações

desta faculdade têm-se encontrado processos complicadíssimos, quer tratando-se de seus brinquedos, das perguntas que fazem, da maneira por que traduzem as idéas. Tudo isto, com relação á criança tem sido julgado e methodicamente tratado. Mas é difficil apreciar com exaggerado espirito de logica e de methodo, os actos quasi espontaneos duma criança que actúa, póde-se dizer, como um espelho reflector dos objectos.

Entretanto, um estudo de tal natureza é muito util; presta hoje verdadeiros serviços e no futuro tende a tornar-se menos theorico.

Esta "sciencia da infancia" trabalha por substituir o conjuncto das verdades tradicionaes por uma série de principios estabelecidos pela observação rigorosa e pela experiencia; principios destinados a servir de base a doutrinas e methodos seguros.

Parecerá, ás primeiras investigações desta sciencia, que se tenham descoberto resultados insondaveis ou novos vislumbres, cuja natureza tenha modificado as opiniões geraes acceitas até aos nossos dias. Não ! Na maioria dos casos têm-se confirmado as conclusões dos antigos autores. Ainda mais: tem-se introduzido no estudo dos problemas da pedagogia, uma precisão mathematica; têm-se estabelecido entre os diversos grupos de factos, relações tão assombrosas e claras, que é incontestavel — o novo methodo contribuirá para solver as mais complexas questões do ensino.

Temos um exemplo typico: a *surmenage* escolar.

Quanto não se tem escrito e discutido sobre este assumpto !

Em 1887, a Academia de Medicina de Paris, occupou-se do caso, em uma memoravel discussão. Neste celebre recinto, expuseram-se successivamente opiniões tão categoricas quão contradictorias.

Emquanto multiplicavam-se as publicações, pretendendo todas ellas decifrar a incognita da famosa questão em estudo, dois sabios francezes, *Binet* e *Henri*, emprehenderam investigações experimentaes e tentaram estabelecer as leis da fadiga intellectual.

Publicaram os resultados de seus extensos trabalhos, nos quaes estabeleceram dum modo preciso, por meio de numerosas experiencias e de methodos rigorosamente verificados, as relações da fadiga intellectual com as funcções physiologicas e psychologicas da criança, fixando assim os signaes e estigmas, permittindo reconhecer e apreciar o gráo dessa fadiga.

De facto, não resolveram elles dum modo definitivo o problema; mas lhes devemos o terem achado as bases scientificas duma discussão, procurando na significação do termo "*surmenage*" (cansaço) as differenças que convem estabelecer entre este estado moribundo de fadiga e a fadiga physiologica.

O estudo experimental da criança, refere-se tanto á criança retardataria em sua evolução, como á criança normal. Não obstante, antes da experiencia, seria preciso classificar as crianças em *normaes* e *anormaes*.

Deve-se considerar como *normal* todo o sêr que pôde adaptar-se ás condições normaes da vida commum, e *anormaes* aquelles que não puderem adaptar-se a essas mesmas condições. A educação especial das crianças anormaes deve ter por objectivo fazel-as passar á categoria de crianças normaes.

(*Continúa.*)



LIÇÕES DE COISAS

OS ALIMENTOS E A ALIMENTAÇÃO

P. — Que trouxeram vocês para a merenda do recreio ?

A. — Pão com carne.

A. — Pão com doce.

A. — Pão com manteiga.

A. — Leite.

A. — Fructas.

P. — Pelo que vejo, ninguém ficará com fome até ao fim das aulas.

Mas, noto que quasi todos trouxeram *pão* e fizeram muito bem. O pão é um alimento completo.

A. — Porque o Sr. diz alimento completo ?

P. — Porque contem o amido e o gluten.

A. — Que é o amido ?

P. — E' a substancia branca, farinacea, que se desprende do trigo, da batata, da mandioca.

A. — E gluten ?

P. — E' a substancia viscosa e azotada, que fica na farinha, formando uma massa pegajosa, depois que se extrae o amido.

A. — O Sr. disse azotada e eu não sei o que isso quer dizer ?

P. — Que contem azoto, corpo gazoso que constitúe mais das tres quartas partes do ar atmospherico.

A. — Mas, o Sr. acha que nós só devemos comer pão ?

P. — Não, nem isso é possivel. A alimentação do homem varia conforme o clima. Assim é que nos paizes frios, o homem quasi que exclusivamente vive de carne; enquanto que nos paizes quentes precisa duma alimentação mais leve.

A. — E' verdade que ha povos que comem ratos ?

P. — Li um dia numa revista, de que não me occorre o nome, que em Cantão o consumo de ratos é de espantoso vulto.

Na costa do Pacifico ha indigenas que se alimentam de gafanhotos crus, e na Nova Caledonia as aranhas assadas constitúem o mais saboroso prato.

Vejo, entretanto, com pezar, que muita coisa fica para a proxima lição.

Temos muito ainda que falar sobre os alimentos e a alimentação.

O FERRO

Vamos vêr qual é o alumno que vae me dizer alguns nomes de objectos feitos de ferro ?

A. — Eu sei uma porção.

P. — Diga.

A. — Chaves, pregos, fechaduras, pés das nossas carteiras, os trilhos dos bondes, os ferros de passar roupa...

P. — E' bastante. Orlando, conhece outros objectos de ferro ?

A. — Si conheço ! Faca, espada, navalha, os canos das espingardas e as balas.

P. — Mas, todos esses objectos nomeados serão duma mesma especie de ferro ?

A. — Eu já sei que ha uma especie de ferro que se chama ferro fundido.

P. — Muito bem; é o mais facil de quebrar-se; assim são os pés das carteiras.

A. — Porque se diz — ferro fundido ?

P. — Eis uma pergunta de que lhe dou os parabens, Rodolpho. Chama-se ferro fundido, porque o ferro liquido, derretido naturalmente, entra em fôrmas e dahi sae o objecto que se deseja obter.

A. — Mas ha então outras especies de ferro ?

P. — Ha sim, o aço e o ferro forjado.

A. — Qual delles é o mais usado, Sr. professor ?

P. — Bem; vejo com satisfacção que meus alumnos querem se instruir. Tornaram-se curiosos...

O aço é o ferro preparado, que se emprega em maior escala no mundo todo.

A. — E' verdade que as molazinhas dos relógios são de aço ?

P. — São, sim. Como tambem são de aço os objectos de cutelaria e cirurgia.

A. — Cutelaria ?

P. — Sim: objecto de cutelaria é em geral todo e qualquer instrumento cortante, como faca, espada, navalha, etc.

A. — E cirurgia ?

P. — Tudo que se diz a respeito de operações. E ha para as operações uma infinidade de objectos. Mas, voltemos ao ferro. Sabem, vocês, quantas especies ha ?

A. — Tres, que o Sr. já falou: aço, ferro fundido e ferro forjado.

P. — Quem já viu uma officina de ferreiro ?

A. — Eu ja vi, e que fogo vermelho ! e o ferro a se tornar vermelho tambem, como si fôra uma brasa enorme.

P. — Muito bem. E meu aluno observador é capaz de me dizer o que faz ainda o ferreiro com o ferro em braza ?

A. — Eu o vi bater e bater, fazendo a barra de ferro tomar o feitio que elle desejava.

P. — Muito bem. E é assim. Continuaremos na proxima lição a falar sobre o ferro. Mas, si vocês puderem fazer uma visita a qualquer fundição ou a algum logar onde trabalham o ferro, não deixem de o fazer.

O ALGODÃO

P. — (Mostrando á classe um ramo de algodoeiro.) Qual de vocês conhece esta planta ?

A. — Eu conheço. E' algodão.

P. — Algodão, não; isto é um ramo de algodoeiro. A planta chama-se *algodoeiro*. Este flóco branco que vocês vêem aqui, é que é o algodão.

A. — Como é bonito !

P. — Acha-o bonito, Antonio ?

A. — Muito. Tão branco, tão delicado !

P. — E você já viu esta planta ?

A. — Eu a vi quando estive na fazenda do titio, em Sorocaba.

P. — Porque será que seu tio plantou o algodoeiro ?

A. — Para vender o algodão, que é mandado em grandes fardos, para as fabricas.

P. — Sim, o algodão é enviado ás fabricas, onde é primeiramente cardado, para depois ser fiado e transformado em tecidos, de que fazemos nossas roupas. Algum de vocês conhece outro emprego do algodão a não sêr para a fabricação de tecidos ?

A. — (?)

P. — Ninguem conhece ? Nunca tiveram dôr de dentes ?

A. — Eu sei, eu sei.

P. — Então, fale, José.

A. — Serve para collocar com remedio nos dentes quando nos dôem.

P. — Justamente. O algodão em rama, depois de convenientemente esterilizado, é de grande utilidade aos medicos, enfermeiros e dentistas. O que talvez vocês ignorem é que até a semente do algodão é hoje aproveitada. Da semente faz-se muito oleo; é ella ainda usada como excellente adubo.

A. — Para estrumar a terra, não é, professora ?

P. — Justamente. Todo o terrotorio do nosso rico Estado presta-se á cultura do algodoeiro, que constitúe uma das nossas grandes fontes de riqueza industrial.

TECIDOS

P. — Passando hontem pelo populoso bairro do Braz, notei grande numero de chaminés de fabrica de tecidos.

Qual de vocês será capaz de nos contar o que é uma fabrica de tecidos ?

A. — E' um lugar onde são feitas as fazendas.

P. — Muito bem. E' isso mesmo. E' nessas fabricas que são feitos os tecidos, as fazendas que usamos para fazer as nossas roupas...

Todos os tecidos serão eguaes, Antonio ?

A. — Não, senhor.

P. — De que tecidos é feita a sua roupa ?

A. — A minha roupa é feita de algodão.

P. — Muito bem; o algodão é um tecido muito util.

E a minha roupa, de que tecido será, Armando ?

A. — Sua roupa é feita de lã.

P. — E' isso mesmo; a lã é outro tecido.

Aristides, o meu lenço será de algodão ou de lã ?

A. — O seu lenço não é nem de algodão nem de lã; seu lenço é de linho. .

P. — Sim, senhor, é isso mesmo. Este lenço é feito dum tecido chamado linho.

Agora vamos vêr o que vocês dizem do tecido de que é feita a gravata de Augusto ?

A. — A gravata de Augusto é de seda.

P. — Muito bem. Então, vimos que a roupa de Antonio é de algodão, a minha é de lã, o meu lenço é de linho, a gravata do Augusto é de seda. Algodão, lã, linho e seda são tecidos. O algodão e o linho são productos vegetaes; a lã e a seda são productos animaes.

Todos estes tecidos têm seus empregos e usos differentes. O algodão é o mais util e o mais barato delles; a lã nos protege contra o frio; o linho e a seda são os mais caros, e por isso mesmo os menos usados entre nós.

Uma visita ás differentes fabricas de tecidos será um passeio muito util, que havemos de fazer, para vocês poderem conhecer de perto como são feitos os tecidos.

E' o que faremos, logo que houver oportunidade.



A AGUA

P. — Qual é o liquido mais necessario á nossa vida ?

A. — E' o leite.

P. — Sim, si tratassemos apenas da alimentação. Porventura, você já viu lavar sua roupa com leite ?

A. — Então é a agua.

P. — A agua occupa nada menos que tres quartas parte do nosso globo terrestre.

A. — Sr. professor, é verdade que as nuvens tambem são agua ?

P. — São, sim. Não são as nuvens que nos dão a chuva ?

Que é a chuva sinão agua ?

A. — Como é que a agua se transformou em nuvem e a nuvem em chuva ?

P. — Vamos devagar. Si eu lhes perguntasse "onde foi parar a agua duma chaleira a ferver," quem me responderia ?

A. — Eu já reparei que pela tampa, a querer se erguer e pelo bico da chaleira, sae uma fumaçazinha.

P. — Muito bem. Aprecio muitissimo quem examina tudo. Agora, ficam sabendo que essa fumaçazinha é o vapor d'agua.

O que acontece com a chaleira, dá-se com os rios, os lagos o mar.

A. — Mas o fogo para ferver essa agua onde está ?

P. — E' o sol que disso se encarrega; mas o faz devagar, sinão tudo ficaria secco.

A. — E é esse vapor que fórma as nuvens ? E a chuva, agora ?

P. — Vamos nos lembrar ainda duma coisa que talvez já viram. A's vezes cobrimos um prato para que a comida não se esfrie. Que acontece quando o descobrimos ? Como se apresenta o prato de cima ?

A. — Cheio de gotinhas de agua.

P. — O vapor que subira dos alimentos encontrou o prato frio e se transformou em agua. E' isso que se dá lá no alto. As nuvens, ao encontrar um espaço mais frio, transformam-se em gotas de agua, e zás — cae a chuva.

A. — Podemos beber a agua da chuva ?

P. — Eu não aconselho, quando vem lavando telhados.

A. — Qual é a agua que podemos beber ?

P. — A agua que podemos beber chama-se agua potavel; é aquella que é limpida, sem cheiro, coze bem os alimentos e dissolve perfeitamente o sabão.



METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

SUA NATUREZA E ELEMENTOS

(ARNOLD TOMPKINS. — Trad.)

Como base para discussão da unidade superior do processo educativo, lembremo-nos da unidade inferior deste processo; a natureza commum dos actos educativos considerados entre si — a sciencia educativa tida como base para a philosophia do ensino.

Aspecto geral. — 1. Educar é um processo, porque constitúe uma série de passos para a realização dum fim, o qual serve de alvo na série — o começo da série. Este fim, considerado como idéa, marcha para sua realização. Isto exige meios na producção dos differentes passos. Assim, temos num processo: o fim ou proposito a realizar; os passos que medeiam entre o fim considerado como idéa e o fim considerado como realidade objectiva; e os meios pelos quaes esses passos são dados. Todo processo educativo tem estes elementos organicos communs a qualquer processo.

2. Educar é um processo mental; não um processo mecanico. Isto deve sêr subentendido; mas ha uma idéa geral de que o educar é o manejo de meios mecanicos. Esta tendencia é manifesta nas phrases communs usadas com referencia a methodos como o methodo topico, o methodo descriptivo, o methodo de laboratorio, o methodo de bibliotheca, o methodo de conferencias, etc. Educar não é o manejo de meios exteriores como sejam: o tocar da campainha, o fazer a chamada, o escriturar de registros e relatorios, o corrigir os rebeldes, o applicar differentes fórmulas de disciplina com o fim de introduzir sabedoria no espirito e ahi fixal-a, etc. Todo acto educativo, o trabalho escolar em geral, tem sua phase mecanica; mas esta não é sua parte essencial nem vital. E' facil deixarmo-nos levar pelo processo formal; pois este é o mais commum e é o elemento eminente. A primeira idéa de trabalho escolar é a dum processo formal e externo e requer reflexão para penetrar através da palavra que mata ao espirito que vivifica.

A sciencia de manipular mecanismos em vez de dirigir um processo mental, experiencia esta de desenvolvimento da parte do alumno, é a causa principal de todo erro escolar e tem sua origem na convicção de que o proprio saber é um processo mecanico — uma convicção de que a mente é um receptaculo conhecido por memoria para guardar o que nelle é depositado; e que o saber consiste em

receber e reter alguma coisa estranha a si mesmo. A mente sendo um receptaculo, o professor deve por meio do uso de alavanca, roldana e corda, transportar á mesma, materia ponderavel e estranha. O mecanismo pelo qual isto se faz torna-se o factor importante, assim como o seu manejo torna-se o principal processo envolvido; pois o saber, como é geralmente interpretado, não constitúe processo, e a mente é alguma coisa differente daquillo que o processo conhece.

Muito ter-se-á alcançado quando o professor se convencer do facto de que o ensinar é um processo mental superior á fórma; que é o contacto vital da mente do professor com a mente na qual os conhecimentos se desabrocham, e não o da relação exterior de transferir-lhe alguma coisa produzida em qualquer outro lugar. O vento póde levar o pollen fecundante ao estigma, mas o processo de florescimento e fructificação é coisa diversa. Uma ou outra phase da restricção ao methodo formal e mecanico tem sido ponto de ataque de todos os reformadores do ensino e deverá continuar a receber sua attenção pois cada geração cai novamente no erro. Todo professor, ao aprender sua arte, deve aspirar sinceramente, desde o começo, a viver em consciencia do movimento mental superior á fórma; e a conservar a fórma como méro jogo superficial do movimento.

3. Tem-se dicto que educar é um processo mental, no qual a mente do professor communica--se vitalmente com a do alumno. O cerebro do mestre caminha na mesma direcção de pensamento, vontade e sensações com o cerebro daquelle a quem ensina. O professor não póde produzir no alumno uma dada experiencia, sem ter primeiramente produzido em si esta experiencia. Si o professor quizer fazer com que o alumno grave a posição, fórma, tamanho, causa e effeitos do *Gulf Stream*, deve elle mesmo avaliar cada uma destas relações ao passo que estimula o alumno a aprendel-as. Si tratar-se de despertar patriotismo contando o episodio de "Barbara Fretchie", o proprio professor deve sentir-se emocionado por aquella sensação ao passo que faz o alumno experimental-a. Assim as duas mentes são sempre uma entidade nos passos mentaes necessarios á aprendizagem dum fim; e o são tambem na emoção que deve sêr cultivada, na resolução que deve sêr revigorada. O professor entra para algum acto ou estado de experiencia e o alumno sóbe, ao contacto com o professor á mesma experiencia.

Devemos notar do antecedente uma importante consequencia. E' dicto vulgar que "tal professor, tal escola". A melhor explicação para isto é que a mente do alumno no acto da aprendizagem torna-se como a do mestre; adquire o tom e colorido do seu pensamento. O professor introduz seu proprio modo de pensar na mente do alumno,

produz nelle sua pureza, força e rasgo de vida emocional; respira nelle sua propria natureza ethica. O professor póde tencionar disciplinar em habitos de pensamento correctos, perfectos e methodicos, mas a não sêr que estes habitos sejam de sua propria mente, seus esforços serão baldados. O ribeiro não póde subir mais alto do que sua fonte. Si o professor tem o habito de pensar negligente e desordenadamente, elle não póde esperar conseguir coisa melhor do alumno. O pedante e dogmatico de idéas estreitas, nunca poderá obter habitos doutos e cultura liberal. O professor que não dispuzer duma completa extensão fertil de vida emocional, só poderá conseguir de seu ensinamento almas entorpecidas. O homem que não possúe força e pureza de character não poderá fortalecer e purificar outro character. O mestre identifica sua vida com a do discipulo; e é absolutamente essencial que sua vida seja tudo o que elle espera que seja a do seu alumno.

(Continúa.)





GRUPO ESCOLAR "RODRIGUES ALVES" — CAPITAL

LITTERATURA INFANTIL

A LARANJEIRA

Leitura dialogada para seis crianças

A SEMENTE. — Eu sou a semente. Venho dum palacio todo ouro, donde fui arrebatada por um lindo sabiá. Cahi no sulco aberto por um arado. Não me magoei, não, mas parece que perdi os sentidos, porque não sei o que depois me succedeu...

A LARANJEIRA. — Apenas isto: tu te transformaste... fazendo-me nascer... Eu sou a laranjeira. Olhem a minha raizita, as minhas folhas, o meu caule. Como eu sou feliz! Quando sopra a aragem perfumada da Primavera, todo o meu organismo palpita cheio de vida, e eu cresço, cresço, até que...

A FLÔR (*atalhando*)— Surjo eu, a flôr, a urna mais perfumada de todas as urnas! E' no meu seio que as doiradas abelhinhas vêm sugar o mel com que enchem os seus favos! Reparem nas minhas petalas. Que brancura! São o emblema da castidade! As donzellas com ellas se adornam nos seus trajes de noiva! Estão vendo esta caixinha? E' aqui que dormiem as minhas filhinhas. Quando ellas recebem o alimento que lhes manda o póllen, começam a crescer, a crescer, e a caixinha, que a guarda, se transforma...

A LARANJA. — no que sou, o fructo, a democratica laranja, o deliciosissimo pomo de Deus... Já me viram internamente? Sou como um lar bem organizado: cada semente tem seu quartinho nos gommos, e, em cada gommo, guardo o meu delicioso nectar numas pequenitas garrafas da côr do ouro. Sabem o que é a laranjada?

LARANJADA. — Chamou-me alguem? Cá estou para o servir! Eu sou a laranjada, a bebida sem rival em todo o universo... e camarada tanto dos ricos como dos pobres. E como sou estimada!

Olhem! Imaginem um dia de rigoroso verão. O sol a pino... a atmosphaera a escaldar... o suor a borbulhar na testa... a lingua, pastosa... a garganta, resequida... E, ao alcance da mão, eu, a laranja...

Pega-se da laranja... pega-se duma faca... pega-se dum copo... pega-se do assucar... pega-se, enfim, dum canudinho.

E que é que se faz? A laranjada, que se sorve, olhos no céu, pelo canudinho.

E o calor, evitado! perde todo o seu *latim*.

O VINHO DE LARANJA. — Quem perde o latim é você, laranjada, quando estou ao seu lado. Nunca ninguém hesitou na escolha, seja no calor, seja no frio. Sou eu sempre quem vence.

Mas, enfim, não brigemos, que somos irmãos.

Antes, abracemos-nos, porque da nossa boa amizade tirarão grande proveito os nossos amigos.

ARNALDO BARRETO.

ROSA

Rosa é pequena para a sua idade. Já tem seis annos, mas pouco cresce; parece antes uma bolinha. Cabellos castanhos lhe caem em anneis pelos hombros, os olhos escuros muito vivos brilham quando qualquer novidade lhe é contada.

Hontem, não cabia em si de contente, porque o papae promettera leval-a para um passeio.

— Na cidade, papae ?

— Não, filhinha, vamos viajar.

— E a pequena curiosa, se arranjava sobre os joelhos do pae, e com carinho, muito meiga, imaginava mil perguntas. Afinal, conseguiu saber que ia a Santos. Ia vêr o mar pela primeira vez.

— Que belleza, não ! O papae disse que é grande é grande — e abria os bracinhos num gesto largo.

— E a agua papae ?

— E' verdade que não presta para beber ?

— Não, minha filha, a agua do mar é salgada. E Rosa, com uma carinha de incredula, dizia meio séria: hei de proval-a.

Imaginem a tagarella da Rosa no trem que a levava para Santos... Calculem a paciencia do pae para satisfazer a curiosidade daquelles olhinhos vivos que tudo enxergam e tudo querem saber. Chegaram a Santos.

Após os negocios urgentes do pae, lá se vão, praia afóra. Rosinha não quiz vêr os navios que o pae lhe contara serem verdadeiras casas; não, não era esse o seu desejo.

— Quero vêr a praia.

Eil-os deante do mar. A pequena curiosa, incredula, fica quieta um instante a contemplar as vagas no vae-vem constante...

Um olhar ao pae e agora:

— Posso provar a agua ?

— Póde filhinha; mas não engula, sim ?

Corre, enche a mãozinha, leva á bocca umas gotas apenas...

Olhem agora para a sua carinha... que careta ! Que careta feia ! Bem feito ! Nunca mais, eu aposto com todos vocês que lêem estas linhas, Rosinha levará á bocca outras gotas da agua do mar !

OS DEDOS

Nesta mãozinha direita,
Eu tenho cinco dedinhos;
Fazem tudo de uma feita,
Fazem tudo ligeirinho !

São pequenos, são prendados,
São formosos, pois não são ?
Eu acho tão engraçados
Os dedos de minha mão !

São espertos nos brinquedos
Os meus dedinhos mimosos...
Mas da esquerda, estes meus dedos,
Já são muito preguiçosos !

Nesta mão — cinco doutores;
Nest'outra — cinco também;
Digam me agora, senhores:
Quantos dedos Bebê tem ?

Classe: — São cinco na mão direita
E mais cinco na outra mão;
Portanto cinco e mais cinco,
Ao todo dez dedos são.

ISABEL VIEIRA DE SERPA.

ALEGRIA E TRISTEZA...

— Já sei a taboada inteira, mamãe, dizia Luizinha toda alvoroçada. A mestra me deu o primeiro lugar entre as minhas companheiras.

— Meus parabens, minha filha.

Mas a menina, sem largar os livrinhos, seus amigos tão queridos, não parecia satisfeita com os *meus parabens*.

— Mamãe, a Sra. não me prometeu um vestidinho novo quando... quando eu soubesse a taboada toda ?

E Luizinha deveras o merecia. Fazia apenas cinco mezes que estava na escola e já sabia inteirinha a taboada de multiplicar.

— Pois, filhinha, serve esta fazenda de riscadinho vermelho ?

— Serve, sim. Mas si desta vez a mamãe quizesse fazer o vestido abotoado na frente...

— Sim, Luizinha; fal-o-ei, como desejas.

E a menina ganhou o vestido de abotoar na frente.

Eil-a, caminho da escola, sobraçando carinhosamente os seus predilectos livrinhos...

Que alegria ! vae tão contente ! parece uma rainha no seu vestidinho de riscado vermelho.

Começam as aulas.

A nossa pequena é toda olhos e ouvidos.

Eis que uma collega das maiores procura um tinteiro.

Exactamente ha um em frente de Luizinha.

Já adivinharam ?

Pois é verdade —o tinteiro desastrado virou... virou, sim, e bem em cima do vestidinho novo de abotoar na frente !

A classe, toda espantada, ouviu um grito: — “Meu vestidinho novo !” E os soluços de Luizinha ecoaram pela sala. De facto uma nodoa preta, grande, manchou de alto a baixo o pobre vestidinho novo.

OS PASSAROS

“São horas de ir visitar os meus amiguinhos,” dizia Mimi, dirigindo-se para o bello pomar de sua casa.

A galante menina conduzia uma cestinha contendo migalhas de pão, alpiste, arroz, etc.

Entrou no pomar, tomãdo pela rua principal, que era ladeada, dum extremo a outro, por duas longas filas de jaboticabeiras mui bem tratadas. Estas elegantes arvores tinham todas igual porte e altura e ostentavam verdejantes cópas.

A’ medida que Mimi ia percorrendo a extensa avenida, iam surgindo de todos os pontos passarinhos de diferentes especies, a pipilar alegremente, ora esvoaçando duma arvore a outra, ora atravessando-lhe o caminho.

E a pequena lhes ia dizendo, carinhosamente: “Venham, venham, meus amigos ! Coitadinhos, como têm fome, hoje ! Venham, venham, seus medrosos !”

As avezitas pareciam comprehendel-a, tanto que o numero dellas cada vez mais se augmentava.

Quando Mimi chegou ao fim da alameda e sentou-se num banco, um grande bando a rodeava.

Abrindo, então, a cestinha, começou a distribuir punhadinhos de grãos, que eram logo devorados pelos interessantes passaros.

E, enquanto distribuía o alimento, lhes falava:

Isso, assim, meus queridos ! Comei, comei, fartae-vos e não fujaes de mim ! Jámais vos farei mal; nunca vos prenderei nem vos roubarei os ninhos, como costumam proceder os malfetores.

E porque prender-vos ? Porque matar-vos de saudades dos vossos campos, dos vossos filhos ? Porque roubar-vos os ares saudáveis das florestas, a luz acariciadora das auroras, a brisa perfumada dos vergeis, a liberdade do espaço infinito ?

Ah ! não mereceis tal crueldade, pois sois tão bons, tão uteis !

Os vossos suaves gorgeios nos encantam e deliciam. Sois os protectores das plantas, destruindo-lhes toda a sorte de lagartas, vermes e insectos nocivos.

Quem haverá que vos não queira, formosas e innocentes avezitas ?”

Assim falando, a bondosa menina foi-lhes dando todo o alimento que trouxera.

E os passaritos, como si a entendessem, cada vez mais confiantes, vinham pousar-lhe sobre a cabeça, sobre os hombros e sobre os joelhos.

Alguns havia, já tão mansos, que se deixavam acariciar, sem o menor signal de susto.

Assim era, todas as tardes, á hora em que o sol começava a occultar-se no poente.

Com que prazer a boa Mimi não recolhia, para, no dia seguinte, repetir o seu predilecto passeio !

P. S.

O CAVALLO E AS OSTRAS

(A. BELJAME. — Trad.)

Era um dia muito frio. Um viajante chegou a uma estalagem. Depois de haver entregue seu cavallo aos cuidados do estalajadeiro, entrou.

Ancioso por aquecer-se, não podia chegar ao pé da lareira; a sala estava cheia de gente.

Que fez, então ?

Com voz clara e forte, disse ao estalajadeiro: "prepare algumas ostras e dê-as ao meu cavallo."

"Mas, seu cavallo come ostras?" — replicou-lhe o homem, surprehendido.

"Experimente," respondeu o viajante.

As pessoas que enchiam a sala, correram, curiosas, para assistir ao prodigio. Assim, o aposento ficou vazio e o viajante poudo sentar-se commodamente ao lado do fogo.

Dalli a pouco volta o estalajadeiro, dizendo: "senhor, o seu cavallo não quer nem vêr as ostras."

"Neste caso," responde o viajante, "dê-m'as cá; eu as comerei."

E com tal estratagemma conseguiu o que desejava, isto é, aquecer-se do frio.

CRIANÇAS !

(Traduc.)

Filho do pobre, queixas-te da sorte e invejas o rico ! Pensa bem que a criança rica é quem deve invejar-te. Nunca julgues pela apparencia.

Vi na estufa dum millionario uma planta rara, cultivada com o maior carinho. Todos os dias um habil jardineiro vinha regal-a; tirava-lhe o pó das folhas; conservava, tanto quanto possivel, a mesma temperatura junto dessa preciosidade. Deram-m'a; levei-a fóra da estufa; o calor do sol a fez inclinar-se e pela tarde a planta morria.

Filho do rico, não te assemelhas á planta da estufa ? Vives longe do soffrimento. Multiplicam de tal modo as protecções e os cuidados ao redor de ti, que te enfraquecerão a energia dum coração viril... Quando tudo esperas de outrem, o menor sopro da adversidade não te fará curvar a cabeça ?...

O' filho do pobre, possas te assemelhar ao pequeno carvalho crescendo em solo pedregoso ! A tempestade rudemente te sacudirá, experimentando a tenacidade de tuas raizes; recebendo o sol e a chuva, crescerás altaneiro...

Coragem ! porque o homem que cresce como o carvalho vale mais, muito mais, do que aquelle que se apoia a outrem.

O trabalho perseverante é o unico a elevar e fortificar a vontade.

E a vontade é o homem !

OS ESTADOS DOS CORPOS

Aprendi hoje na escola
(E confesso: achei custoso !)
Que os corpos têm tres estados:
Solido, liquido e gazoso.

Mas, tanta atenção prestei,
Que comprehendí, num instante:
O solido tem fôrma propria
E tem volume constante.

São solidos o brilhante,
O ferro, o cobre, o carvão,
A madeira, o vidro, a argilla,
O papel, o papelão...

Que o liquido toma a fôrma
Da vasilha que o contem,
Comprehendi sem muito esforço
E fiquei sabendo bem !

São liquidos a cerveja,
O vinho, o vinagre, o azeite,
O licôr, a limonada,
A tinta, a garapa, o leite...

Para aprender o gazoso,
Franqueza: custei bastante !
Elle não tem fôrma propria
E nem volume constante !

São gazosos a fumaça
O vento, as nuvens, o ar,
E o vapor d'agua, que faz
A locomotiva andar...

Quanto o saber nos eleva !
Quanto o saber nos dá gozo !
Os corpos têm tres estados:
Solido, liquido e gazoso !

(DULCE CARNEIRO)

UMA HISTORIA

Vocês, crianças, que tanto gostam de historias, vão ouvir uma, mas verdadeira.

Vejam lá como a atenção é capaz de tornar celebre a pessoa reflectida.

"Um dia a mamãe dum menino ficou admirada, vendo o filho parado diante duma chaleira de agua a ferver.

O menino parecia fascinado e estar vendo uma coisa maravilhosa. Seguia com os olhos a columnazinha de vapor que erguia a tampa da chaleira e a deixava logo cahir.

Querem saber o que pensava esse menino ?

Si se pudesse aproveitar a força desse vapor, para mover machinas !...

Assim pensando, James Watt, era esse o nome do menino, imaginava navios sem velas, sulcando os mares, carruagens sem cavallos, transpondo distancias, etc.

"James, disse a mãe, "em que estás pensando ? Vem tomar chá."

James levantou-se e como bom filho que era, obedeceu.

Esqueceu-se, porém, do que examinava com tanto cuidado e interesse ?

Não. Crescendo, aperfeiçoou os ensaios de Papin e construiu o primeiro barco a vapor.

DEDICAÇÃO

Dois pedreiros trabalhavam em cima dum andaime.

O perigoso soalho, mal seguro e sobrecarregado de materiaes, estala e ruidosamente se arrebenta.

Os dois operarios mal têm tempo de se segurar a uma das vigas meio quebrada.

Os infelizes sentem que o apoio cede.

— João, diz um delles, a viga não nos supporta; só um pôde esperar soccorro.

— Tens razão, diz Pedro. Quem fica ?

— Tenho quatro filhos, murmurou o primeiro.

— Adeus, João, tornou o segundo.

E o heroico operario, cahindo ao sólo, morreu quasi immediatamente.

Sublime dedicação !

A CAIXINHA DE SEMENTES

(CONTO DO NATAL)

Quando se visita a chacara do Sr. Oliveira, vêem-se quatro fileiras de arvores, uma de laranjeiras, uma de pereiras, uma de macieiras e uma de fructeiras de conde, plantadas regularmente, de quatro em quatro metros, e cujos galhos se vergam, na epoca propria, ao peso de abundantes e saborosos fructos.

— E' a plantação mais bella da minha chacara ! costuma dizer ás visitas, cheio de orgulho, o Sr. Oliveira, mas não fui eu que a fiz ! Ella tem uma historia, uma linda historia, que eu gosto de contar aos meus amigos e, principalmente, ás crianças.

E o Sr. Oliveira narra :

— Faz seis annos, numa vespera de Natal, o meu afilhado Ary, que recolhi ao meu lar, desde o dia em que lhe morrera a mãe, collocou, como o fizeram os meus filhos tambem, o seu sapato sobre a chapa do fogão, para nelle esperar o presente que lhe destinasse S. Nicolau.

E subiu ao seu quarto para logo deitar-se.

Estava a noite muito quente, e, no céu, que elle avistava através da janella aberta, tremeluziam as mil estrellinhas douradas.

Numa dellas fixou demorado olhar. Era uma estrella pequenina, de luz vermelha e azul, quasi escondidinha no fundo negro do céu.

E lembrou-se que, quando vivia ainda sua mãe, uma noite, no terraço, com a cabeça repousada no seu cõllo, se fitaram tambem seus olhos numa estrellinha semelhante.

— Porque é que tremem as estrellinhas ? perguntára-lhe, então ?

E ella, inclinando-se para lhe dar um beijo, respondera-lhe:

— Porque, de dentro dellas, estão a olhar para nós aquelles que muito nos estimaram aqui na terra. Olha, daquella é talvez teu pae que te está sorrindo...

Ary acreditou que quem, então, lhe estava a sorrir, era a mãe.

E fechou os olhos para melhor concentrar a sua imagem.

Oh ! via-a perfeitamente, feição por feição, com o seu olhar tão carinhoso e os seus lindos cabellos louros, separados ao meio por duas grossas tranças que lhe cahiam ao cõllo...

Sentiu-a á beira da cama, e teve a sensação de que ella lhe apertava ao seio uma das mãos. E ouviu-a, mesmo, dizer-lhe com a sua doce voz:

— Meu filhinho, quando me julgas distante, é quando mais perto de ti estou. Teu bondoso olhar chamou-me da estrella onde móro. Eis-me ao teu lado. Sei que és feliz junto do teu padrinho, e bem o mereces, porque és bom, obediente e gentil. Continúa a sêr sempre assim, querido filhinho, para que todos te estimem e respeitem. Tenho de voltar para a minha estrella, antes que desponte a madrugada. Mas, ao partir, quero dizer-te o que vae dar-te S. Nicolau. E' uma caixinha, cheia de sementes. Oh ! não as desprezes, não, meu filhinho, julgando uma dádiva inutil. Semeia-as num canto da chacara do teu padrinho. Quando as pequenitas plantas, que dellas nascerem, tiverem um anno, muda-as para outro ponto, plantando-as em fileiras, distantes umas das outras uns quatro metros. Os fructos, que produzirem, serão de ouro, sou eu quem t'o affirma, porque te attrahirão amizades e sympathias... E adeus !

Ary estendeu immediatamente um braço para retel-a mais um momento...

Mas, sentiu uma dôr agudissima e acordou.

Tinha, no sonho, batido com a mão na travessa da cama...

Relanceou um olhar pela janella.

As nuvens já começavam de purpurear-se. Tinham desaparecido todas as estrellinhas. O canto dos gallos já se fazia ouvir ao longe.

Levantou-se, e desceu as escadas, pé por pé.

Dentro do sapato encontrou, effectivamente, uma caixinha cheia de sementes.

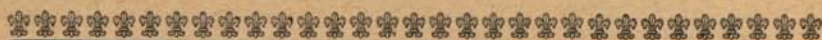
Tinham sido os meus filhos que alli a puzeram, com as sementes das fructas comidas na vespera, ao jantar.

Mas, Ary, acreditando no seu sonho, cumpriu fielmente o que lhe aconselhára a mãe...

E este pomar enriqueceu-se pela obediencia dedicada dum filho á sua mãe, vista mesmo em sonho.

ARNALDO BARRETO.





ESCOTISMO

VALOR DO ESCOTISMO

Pelo seu character pratico, pela sua natureza eminentemente educativa, pelos seus fins elevados, não ha instituição que responda melhormente á cultura do escolar, sob qualquer aspecto que se a encare.

As excursões, os trabalhos de acampamento, a gymnastica, os differentes desportos ao ar livre e outros exercicios peculiares ao escotismo, desenvolvem os musculos, revigoram o corpo, regularizam as funcções vitaes, robustecem, emfim, dum modo geral, a saúde.

Os conhecimentos sobre hygiene, sobre soccorros aos asphyxiados, aos feridos e aos doentes e tantos outros, bem como os themas a sêr desenvolvidos pelo escoteiro, são-lhe de grande valor no desenvolvimento das faculdades mentaes.

Dentro desses dois campos de acção educativa, em que se evidencia o velho mas sabio aphorismo — *mens sana in corpore sano* — é incontestavel o influxo benefico que o espirito recebe. Ademais, os ensinamentos civicos, os deveres de ordem individual e collectiva, o amor aos seus semelhantes, a protecção aos fracos, o respeito á velhice, etc., etc., todos esses factos e outros da mesma ordem, já considerados no terreno pratico, já comprehendidos nas lições recebidas, adoçam os sentimentos, educam a sensibilidade do alumno no sentido do aperfeiçoamento de suas faculdades moraes.

Assim considerado, o escotismo é a verdadeira escola que prepara o cidadão de amanhã — o corpo varonil, a alma generosa, a intelligencia lucida — para bem servir ao seu paiz.

Ao educador, portanto, cabe não esquecer o papel nobre a desempenhar, incrementando o escotismo entre os seus alumnos; aos paes cumpre o patriotico dever de prestar todo apoio á bella cruzada, que, entre nós, já é um facto promissor de pujante futuro para esta grande Patria.

P. S.



QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARQUER — Biblioth. pedagogica, organizada por A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA I

O fito destas palestras, meus senhores, é procurar auxiliar-vos, suggerindo questões que acaso ignoreis da grande arte da educação.

Para aqui viemos de escolas bem diversas, sendo pois quasi desconhecidos uns aos outros. Por isso que tambem é diversa a nossa orientação pedagogica, será difficil nos comprehendermos a principio; mas tenho fé que em breve o consigamos, attendendo aos transcendentaes interesses que nos congregam.

Professores ha, tão insuflados pela vaidade, que se julgam os unicos possuidores dos segredos mais delicados do ensino, e por isso fecham o espirito a toda e qualquer nova impressão relativa á arte de educar.

Esses, emquanto se entrincheirarem nas barreiras da presumpção, nada mais poderão aprender.

Existem outros que, verdadeiras antitheses destes a que venho de me referir, comparo a frascos vassios á espera de quem os encha: acceitam immediatamente, sem estudo, sem analyse, tudo quanto lhes pareça ter um ar de autoridade tudo quanto venha rotulado com o nome de methodo.

Como simples imitadores que são, não se desdoiram tambem de mudar de methodo com a mesma facilidade com que os pelintras, que acompanham as modas, mudam o feitio da roupa. Vivem de novidades!

Ninguem jámais foi notavel por ser imitador, pois que o poder imitativo não conduz nunca ao poder creador.

Cabe-me, a proposito, dizer-vos que não consentirei que acceiteis sem discutil-os, ou sem critica ao menos, os methodos que, nestas palestras, vos eu apresentar; assim como me opporei a que acolhaes quaesquer outros que me não inspirem fé.

Outra classe de professores ainda existe, que, em parte, adoptam bons methodos, e só merecem censura pela parcialidade e o exclusivismo que os levam a desprezar tudo quanto é novo, e a apegar-se tão sómente aos processos antigos. Esses obstinam-se ao que já sabem, sem nada mais quererem examinar. E' certa a sua condemnação aos novos processos e methodos que surgem.

Os factos são os olhos pelos quaes percebemos as leis.

Não ha regra pedagogica mais bem fundada que aquella que estabelece *precisarem sêr conhecidos os factos, antes de se tentar conhecer as generalizações.*

Na realidade, não poderemos nem conseguiremos saber o melhor de dois methodos, si não conhecermos bem a ambos, afim de estabelecer-se o necessario confronto entre elles. O mesmo argumento prevalece, com mais forte razão, para tres ou mais methodos.

E' obvio, pois, que nos seria absolutamente impossivel apropriar-nos de methodos quaesquer, ignorando nós os principios sobre que elles se fundam.

Nem ao menos do seu merito poderiamos julgar, embora assistissemos á sua processuação, porque poderia acontecer que esta não fosse correcta.

Rigorosamente falando, a nenhum professor é dado ignorar os principios fundamentaes dos methodos que applica.

E a grande difficuldade está justamente no facto de não quererem os nossos collegas, em geral, dedicar-se a um sério estudo pedagogico, caminho unico por onde poderão guiar com toda a segurança e consciencia os seus alumnos.

Nunca houve, como actualmente, tanta procura de bom ensino. Sendo logico o trabalho do professor, certamente que attrahirá a attenção, esteja este onde estiver.

Amigos têm-me solicitado, por varias vezes, explicações sobre o methodo conhecido pelo nome de "QUINCY".

Este systema, tanto quanto consegui apprehendel-o, não se baseia em processos de pormenores fixos: é antes um repositório de conselhos, apresentando a arte de ensinar como a mais elevada do mundo, e, por isso mesmo, exigindo, da parte do professor, duas condições imprescindiveis:

1.^a — Uma séria investigação da verdade, não só quanto ao espirito que lhe incumbe educar, como tambem aos assumptos ensinados;

2.^a — A rigorosa applicação da verdade, uma vez encontrada.

O unico auxilio substancial, que, nas palestras futuras, poderei prestar-vos, será encaminhar-vos justamente para tal investigação.

Todas as verdades que assimilardes, hão de, repito, sêr por vós mesmos descobertas, que só assim é que poderão tornar-se uma força viva da vossa alma.

Meu proposito não é, como já vos declarei, forçar-vos a acceitar, sem escrupuloso exame, o que tenho a dizer-vos.

Os professores, em sua maioria, seguem cegamente a tradição, vindo por isso cair, com toda a facilidade, nos sulcos dos antigos systemas. Não desejo que os imiteis.

O trabalho destes cem annos futuros será o de derruir essas formas tradicionaes, cheias de artifício, para as substituir pelos methodos naturaes. Sereis do numero desses operarios, assim o espero.

Todo o acto tem um fim, um objectivo, e são estes que lhe dão vida, côr, fórma e direcção.

Para se comprehender a educação moderna, é mister, pois, que se lhe conheça o fim, o objectivo.

O fim, como geralmente se considera, é a aquisição dum dado grau de habilidade, unida a certa somma de conhecimentos.

Costumam commumente fixar a quantidade de habilidade e de conhecimentos em cursos escolares, de que o balanço se faz em exames convencionaes.

Ora, ahí está já um grave erro.

Opponho a esse falso fim o que entendo sêr o verdadeiro objectivo de toda educação: — o desenvolvimento harmonico do sêr humano, em todas as suas faculdades: physicas, intellectuaes e moraes.

Esta grande verdade, comquanto nos chegasse fragmentada e gradualmente, provem dos grandes mestres e pensadores do Passado.

Comenius já dizia, ha duzentos annos — *que as coisas que se têm de fazer, sómente fazendo-as é que se consegue aprendel-as.*

Mais tarde, e dum modo mais profundo e amplo em sua significação, Pestalozzi affirmou que *educação é a geração de forças.*

Frœbel, finalmente, sommando á sabedoria dos seus antecessores o principio maximo do *desenvolvimento harmonico do sêr inteiro*, estabeleceu o verdadeiro fim de todo o trabalho educativo.

Para esse objectivo, que é o ponto central, o eixo, é que devem tender cada acto, cada pensamento, cada plano, methodo ou pesquisa do professor.

Saber e habilidade não são, como se vê, fim nem objectivo, mas tão sómente os meios, os instrumentos que concorrem no trabalho da construcção harmonica do sêr inteiro.

Outro nome ainda pôde dar-se a esta construcção: *Character*, que melhor qualifica o objecto de toda educação.

Para este desiderando ha dois factores a considerar: 1.º — A força innata e hereditaria do espirito; 2.º — A sua amplitude, no que se refere á extensão dos assumptos que ao professor incumbe ensinar.

Estes assumptos, como facilmente pôde inferir-se, passarão á categoria de meios, de instrumentos de desenvolvimento mental.

E' obvio que o professor, antes de tudo, precisa saber, primeiro, que instrumento de força mental e moral se contem nos assumptos ensinados; em segundo lugar, as leis mentaes, que regulam a sua applicação.

Sómente depois que estas e aquelle forem bem conhecidos, é que poderá entregar-se ao trabalho proficuo de desenvolvimento, melhor, de educação do espirito infantil.

Tal trabalho constitúe o *methodo*, podendo-se, pois, definir este como sendo a *adaptação de meios para o desenvolvimento do espirito*.

Methodo natural será a applicação *exacta* dos meios de desenvolvimento ao espirito que vae ser desenvolvido.

Exige uma vida inteira de estudo a aquisição dum *methodo*, na significação que lhe damos !

Consideremo-nos, pois, humildes deante da sua immensidade !

Pouco valor terá o estudo dos *methodos*, uma vez que se ignorem os principios sobre que elles se baseiam. Assim, o que mais importa, é que a nossa primeira investigação seja dedicada ao conhecimento dos principios.

Ha dois modos de investigação:

O *directo*, que é o estudo das leis mentaes ou a analyse dos factos que generalizam os principios;

O *indirecto*, que é o estudo da applicação minuciosa de *methodos*, para se descobrir nos detalhes os principios sobre que elles se baseiam.

E' claro que o bom professor deve orientar-se sempre pelo primeiro modo de investigação, não se contentando com os méros detalhes dos *methodos*. Deve, sim, empregar estes, mas sómente para illustrar os principios que acaso trate de adoptar.

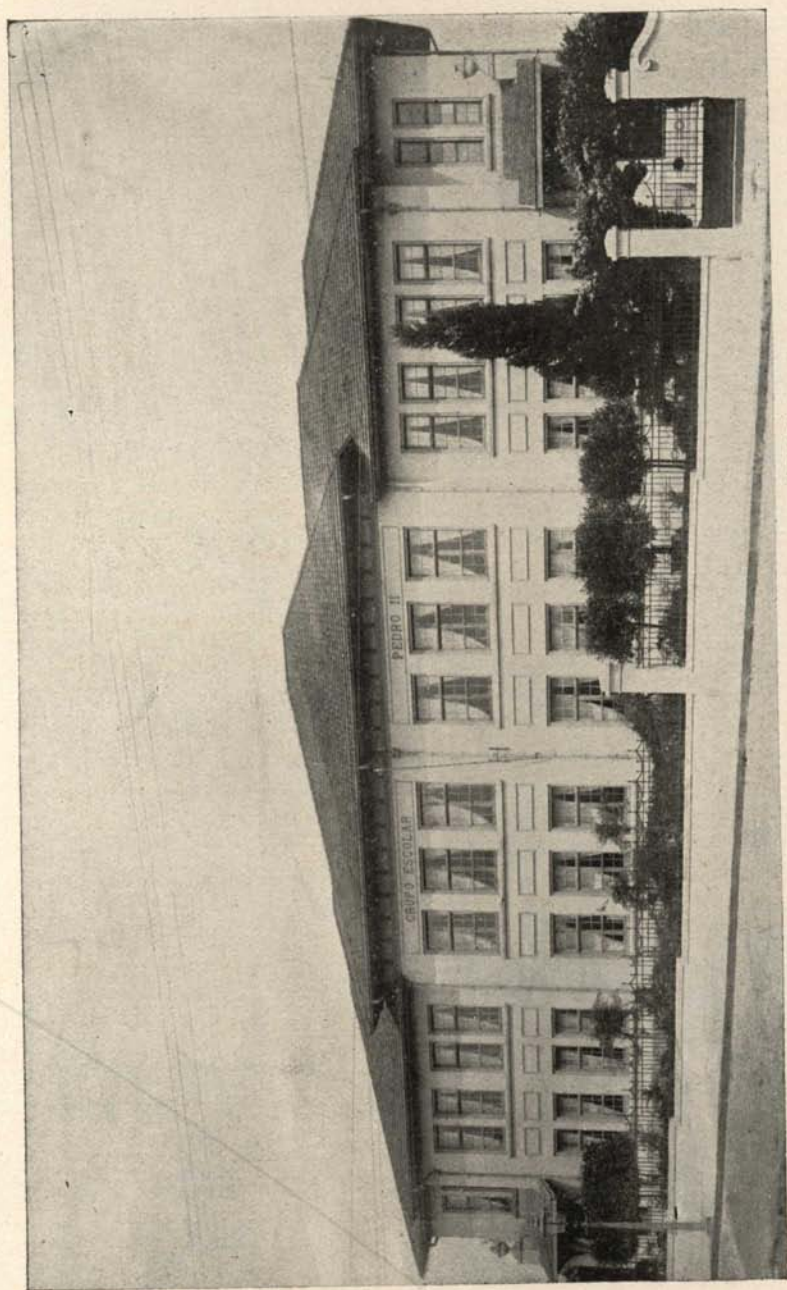
Habilidade technica. Ninguém póde ensinar o que não sabe, e em relação principalmente a crianças, para se lhes ensinar a fazer alguma coisa preciso é que se saiba tambem fazel-a.

Dahi decorre a importancia fundamental do preparo tecnico do professor, do qual depende toda a sua indispensavel habilidade pedagogica.

A educação da voz faz parte, dum modo apreciavel, desse preparo.

Effectivamente, uma voz clara e harmoniosa é uma das qualidades imprescindiveis ao professor, e dum incalculavel valor para o bom exito do seu ensino.

Educae, pois, a vossa voz, não só para adquirirdes a faculdade de falar vagarosamente, com inflexões naturaes, como, e isto é o mais importante, para aperfeiçoardes a articulação e a pronuncia.



GRUPO ESCOLAR "D. PEDRO II" — CAPITAL

Que todo o professor deve lêr muito, é hoje uma verdade que ninguém desconhece; mas ignora-se que um dos indispensaveis requisitos na applicação dos methodos modernos é *sêr o mestre um conversador eloquente*.

Pois, aos alumnos transmittem-se, mui facilmente, erros de entonação, vícios de pronuncia e defeitos de syntaxe.

Outra condição importante é que o professor saiba cantar bem.

A musica encanta as crianças, e tudo na aula deve ser agradável e harmonioso.

Faltando ella á escola, falta-lhe positivamente a harmonia, que é a sua primordial condição de successo.

O escrever é outro poderoso instrumento de expressão de linguagem; quanto á importancia, pôde sêr collocado logo depois da leitura.

O professor deve, pois, saber escrever bem, e ter além disso, uma letra impecavel, de modo que o modelo que, para exercicio de calligraphia ou de linguagem, escrever no quadro negro, seja quasi perfeito. Sem isto, o seu esforço para o fim que visa ficará desaproveitado.

O desenho é, com justo titulo, o terceiro instrumento valioso para a transmissão do pensamento.

Pôde-se mesmo affirmar que um professor habil em desenho tem consigo o mais importante dos instrumentos de ensino. Não ha difficuldades que facilmente não consiga dominar.

Eu de mim julgo que o desenho representará, futuramente, o mais importante papel no ensino, como meio para desenvolver os poderes mentaes. Entendo, por isso, que as exigencias feitas para aperfeiçoar nessa arte o professor, devem sêr, nas Escolas Normaes, muito maiores de anno para anno.

A modelagem em barro e areia é tambem um meio inestimavel para o ensino da geographia, precedendo ao desenho de mapas ou cartographia.

Sobre sêr um poderoso instrumento para o ensino da fórma, é ella o melhor auxiliar do desenho.

Finalmente, a gymnastica — mas a educação do corpo inteiro — representa summa importancia na escola, não só em relação ao desenvolvimento harmonico das faculdades phisicas dos alumnos, como tambem por auxiliar a boa ordem do estabelecimento.

A acção mental, como bem sabeis, depende em grande parte das condições phisicas, e por isso devemos educar o corpo para que o espirito possa agir.

Convencido de que a capacidade pedagogica do professor augmentará o seu poder educativo, procurarei, nesta série de palestras, ministrar-vos os melhores processos que ainda conheço sobre cada uma das disciplinas a que me referi. Antes, porém, seja-me permittido dar-vos um pequeno conselho: Evitae quaesquer excessos; para vos tornardes peritos nestas materias technicas, basta que tudo quanto tentardes aprender, o façaes bem, e de vagar, até ao fim.

(Continúa.)

BIBLIOTHECAS INFANTIS

Um dos factores que concorrem poderosamente para o aperfeiçoamento do ensino é, sem duvida, a bibliotheca para crianças. Sua preciosa cooperação no trabalho quotidiano do mestre é de indiscutivel importancia; representa um facto digno de toda meditação para aquelles que se dedicam ás nobilitantes lides do ensino.

E' ahi, nesse meio tão propicio ao seu desenvolvimento intellectual; é ahi, no convívio amigo dos livros, revistas, etc., adequados á sua novél intelligencia, que a infancia passa as horas de lazer, fortificando o espirito e abeberando-o na fonte crystalina das leituras sãs.

Como elemento collaborador da acção educativa da escola primaria, as bibliothecas infantis são, pois, um agente de primeira ordem no aperfeiçoamento da instrucção preliminar.

Nos Estados Unidos, cujas modelares instituições de ensino constituem ponto obrigatorio de referencias para quem trata de instrucção publica, essas bibliothecas contam-se em muitas cidades e patenteiam o seu alto valor pelos inestimaveis serviços que têm prestado á educação infantil.

Installadas e organizadas sob planos admiraveis de senso pratico, correspondem assim ao elevado escopo a que se destinam.

Dellas se derivam succursaes pelos bairros, pelas povoações ruraes, emfim pelos pontos mais remotos, proporcionando desta fórma á infancia os meios favoraveis á sua cultura intellectual.

Desde o termo das aulas nas escolas publicas, até ás nove horas da noite, esses estabelecimentos se enchem de crianças, em sua mór parte de seis a quatorze annos de idade.

Sob a habil e carinhosa direcção de bibliothecarias, esse microcosmo infantil passa alli deleitosos momentos recreando e educando o espirito na leitura dos livros que lhe são entregues, de accordo com a idade, intelligencia e condições sociaes de cada pequeno leitor.

Afim de dar maior amplitude á acção educadora desses estabelecimentos, e ainda como um excellentes processo para attrahir as

crianças, nelles funciona a "*story hour*", isto é, a hora semanal dos contos, por ellas tão apreciados.

Encarrega-se deste trabalho a "*story teller*", dama que, aos dotes necesarios para interessar os pequenos, reúne as qualidades dum espirito assás cultivado. Por meio de historietas attrahentes, muitas vezes illustradas por gravuras, projecções luminosas, etc., ella sabe não só prender a attenção dos jovens ouvintes, como adaptar-lhes á comprehensão toda a sorte de conhecimentos uteis á sua educação.

Não param aqui os meios de que lança mão a sympathica e altruista instituição, para espalhar por toda a parte os beneficios da sua obra fecunda, civilizadora.

As bibliothecas circulantes, ("*travelling libraries*") as bibliothecas a domicilio, ("*home libraries*") os clubs de leitura, ("*reading clubs*") são outros tantos meios de que se servem as bibliothecas centraes para o aperfeiçoamento da instrucção publica primaria na grande republica norte-americana.

Este vigoroso desdobramento dado á instituição, num meio essencialmente pratico, como o é o "*yankee*", confirma eloquentemente a sua excellencia.

Attento, pois, o valor educativo da instituição de que acabámos de falar; attento o seu valioso concurso para a escola primaria, seria um serviço altamente meritorio a fundação, nesta capital, duma bibliotheca infantil, exclusivamente destinada á infancia das nossas escolas.

Sua acção benefica não tardaria a manifestar-se, o que seria um poderoso incentivo para que outras cidades do nosso florescente Estado imitassem o bello exemplo.

A iniciativa particular, comprehendendo o alcance hygienico da assistencia dentaria escolar, em diminuto espaço de tempo installou, em diversos grupos escolares, gabinetes bem montados para aquelle serviço.

A ella, a essa iniciativa particular, que tão carinhosamente trata de cercar a infancia das nossas escolas dos cuidados hygienicos de que necessita, não pôde ser indifferente a elevação moral e intellectual dessa infancia, por intermedio do livro, da bibliotheca.

Ao illustre e operoso professorado paulista, que tanto se tem distinguido, na qualidade de educador das nossas crianças, deve caber, por certo, a melhor messe de glorias nessa nova cruzada em prol do ensino publico.

Daqui, pois, destas columnas, tomamos a liberdade de lhe dirigir um appello, para que elle, por sua vez, solicite o concurso particular dos que se interessam pela educação da infancia, e pro-

movia outros meios necessarios, afim de que em breve seja uma realidade a instituição, em S. Paulo, da primeira bibliotheca infantil.

Estamos certos de que seus esforços terão o melhor exito, e serão secundados pelos poderes governamentais sempre sollicitos em melhorar as instituições de ensino em o nosso Estado.

P. S.

DISCIPLINA ESCOLAR

(JOSÉ J. BERRUTTI. — Trad.)

O verdadeiro conceito do fim da educação está em contradicção com todo o artificialismo em materia de disciplina, assim como o está a respeito de muitos prejuizos que se oppõem ao desenvolvimento natural das faculdades e actividades da criança.

Com effeito, é muito commum pregar de accordo com as leis da liberdade e obrar dum modo contrario na vida pratica escolar.

Observando, veremos que ha pronunciada differença entre o que se affirma e o que se faz, como em muitos casos ha incompatibilidade entre as idéas e a acção consequente.

Diz se: "o fim da educação é formar um sêr capaz de governar-se," e não obstante, na escola nada se permite ao alumno, sinão fazer o que se lhe impõe, esquecendo-se então o valor da observação e do esforço pessoaes.

Convenhamos, certas praticas devem ser excluidas; passaram de moda.

Prega-se a liberdade dentro da ordem e da cultura indispensaveis ao alumno, e a seu pezar impõe-se-lhe posições mais ou menos contrafeitas, exigindo-se, além disso, um silencio quasi completo, o que só em parte se consegue mediante penitencias dissimuladas — germens de indisciplina e rebellião — porquanto o mestre, embora dotado dum espirito imparcial, está exposto a cada passo, a sêr injusto.

Essa disciplina de ferro, de quartel, diriamos melhor, não condiz com a natureza do menino e nem concorda com o fim da educação. Desperta sentimentos de odio contra a escola, em vez de inspirar carinho e respeito pelo nobre trabalho dessa instituição.

Por outro lado, si o homem deve saber governar-se, quando aprenderá elle a pratica do dever e do direito?

E' muito bom que se acostume o alumno á ordem e á polidez, fazendo-o comprehender a sua imperiosa necessidade, mas não se lhe deve combater a liberdade de acção mais ou menos ampla, baseada em seus esforços e em suas proprias observações.

A verdadeira disciplina surge do trabalho constante, methodico, variado e ameno; do conhecimento das coisas, do trato familiar na escola, do ambiente de ordem que se deve notar em toda casa de educação.

Seja um mestre activo, trabalhador, tenha ordem, manifeste-se amigo de seus alumnos, por um trato affavel e delicado, tome parte discreta em seus jogos e conversações, imponha-lhes o respeito pelo amor á escola e á profissão, e verá que os seus alumnos serão obediétes, respeitosos e delicados.

Mestres ha que vêem na disciplina o fim da escola, quando ella é apenas um meio.

Isto explica porque se perdem dias inteiros "a obrigar os meninos a comportar-se bem," resultando que esses alumnos, na ociosidade da disciplina, tornam-se peóres e até se convertem em mumias incapazes de pensar e de trabalhar obedecendo ás proprias convicções.

A escola moderna é uma pequena sociedade em que se devem exercitar deveres e direitos, cuja noção clara póde estar ao alcance dos educandos, segundo a tendencia que se dê á instrucção. Nessa aprendizagem o alumno adquire, convencido, noções e regras mais ou menos fixas a lhe servirem como nórma de conducta quando fôr homem.

Com a disciplina livre, sem chegar ás exagerações de Tolstoi, fórma-se o character, estimula-se a intelligencia para os sentimentos generosos. Nesse ambiente de liberdade, o menino se manifesta tal qual é; tem confiança em si, aprende a obedecer e a valorizar os esforços de outrem, comparando-os com os proprios, sentindo cada dia a nobre emulação de sêr melhor, intellectual e moralmente, obrigado pelo meio em que vive.

Poderíamos citar casos de meninos conhecidos como rebeldes, que voltaram ao bom caminho só com um exemplar systema de disciplina.

Com razão affirmam que o menino é como a ave — sente ancias de voar: não é a liberdade o mais puro dos gozos?

São, portanto, bem injustos os mestres que impõem uma disciplina de ferro aos seus alumnos, tratando-os como prisioneiros na escola.

Demos liberdade aos nossos educandos, auxiliando-os a obterem habitos de ordem, de estudo e de trabalho, sem imposição nem castigos. Cheguemos até á alma do menino, comprehendamol-a, e com methodo, amor e perseverança, pregando com a palavra e os factos, ensinemos-lhe o caminho que conduz á verdade, recordando a sentença de Democrates: "A ignorancia do bem é a causa do mal."



PELAS ESCOLAS

ESCOLAS RURAES

As escolas isoladas de bairros, que, pelas ultimas refôrmas, tomaram o nome de ruraes, tiveram sempre, como finalidade, simplesmente a alphabetização, das crianças residentes nos pontos de menor densidade de população. Desde a sua instituição, foi sempre esse o seu unico objectivo.

Comquanto preenchem, quando regidas por professores dedicados, mais ou menos, as funcções a que se destinam, já lhes não bastam hoje tão modestos intuitos.

E' preciso, pois, dar-lhes um fim mais productivo, mais utilitario, orientando os alumnos para assumptos de que lhes advenham resultados outros, e lhes desenvolvam aptidões, talvez latentes, com proveito para si proprios e para a zona da respectiva localização.

A cultura de flôres; de verduras; de plantas fructíferas, com todas as especies de enxertos; a incubação mecanica de ovos e criação de pintos; a criação de abelhas e de bichos da seda, etc., seriam tantas occupações com que, pouco a pouco, poderiam affazer-se as crianças, desenvolvendo-se-lhes o gosto e a pratica, que lhes dariam, talvez, na idade adulta, um rendoso ganha-pão.

Por outro lado, si o governo fornecesse casa conveniente, que poderia ser construida de madeira, de accôrdo com planta estabelecida, em que se attendessem ás commodidades do professor e sua familia, — taes escolas teriam mais demorado provimento, não só pela propria conveniencia economica dos professores que as regessem, como pelo natural desejo de verem formar-se, desenvolver e prosperar uma pequenina fonte de riquezas, em que puzeram a sua intelligencia, actividade e dedicacão.

Embora a largos traços, orientada assim a funcção da escola rural, já se pôde aquilatar dos ricos beneficios que ella produziria, seja qual fôr o aspecto por que se queira discutil-a.

Como se acha organizada é que não produz o resultado compensador do seu custo, nem immediato, nem remoto.

São simples colmeias de zangões improductivos.

Entretanto, a escola rural, com o fim utilitario descrito, teria ainda a vantagem de despertar nas crianças o interesse do ganho honesto, si a venda do que ellas produzissem pudesse constituir um pequeno peculio, posto a juro para cada uma, em cadernetas da caixa economica, e que lhes seria entregue ao finalizar o seu curso de tres ou quatro annos, na sua escola primaria.

E' esta uma questão em que vale a pena pensar.

ARNALDO BARRETO.

ESCOLA NORMAL DO BRAZ

Discurso pronunciado pelo Dr. R. J. Haddock Lobo Filho, parnympo das professoras que, nessa escola, terminaram seu curso no anno p. findo.

"Exmo. sr. representante do presidente do Estado; exmo. sr. dr. secretario do Interior; exmo. sr. director geral da Instrucção Publica; exmos. srs. director e vice-director da Escola Normal do Braz; Dignissimos collegas, minhas senhoras, meus senhores e minhas Afilhadas:

Graças á vossa generosa sympathia desfruto, hoje, a honra de, pela segunda vez em quatro annos, paranymphear professoras da Escola Normal do Braz.

A reincidencia na escolha do meu apagado nome se explica, como de outra feita já o demonstrei, muito mais pela bondade vossa e das inesqueciveis afilhadas de 1921, do que por meritos proprios, infelizmente, escassos ou nullos, no vosso padrinho e eu não ousaria lebrar-a, arriscando-me ao epitheto de vaidoso, si não o julgasse necessario.

De facto, em dezembro do anno precitado, eu disse ás vossas proficientes collegas o que suppunha cumpria ellas praticassem no exercicio da nobilissima profissão a que se dedicaram no sentido de crear no Brasil, a tradição nacional, o culto pelos grandes homens e grandes feitos da nossa historia, numa palavra, a consciencia civica dos cidadãos.

Agora, decorrido um quatriennio pleno de perturbações e mudanças no evoluir da sociedade humana e, especialmente, no da nossa terra, creio que é opportuno falar-vos de outra grande sinão maior missão que vos incumbe, a da evangelização das nossas jovens patricias para a cruzada do Ideal Feminino, cada vez mais adulterado e abastardado na concepção hodierna da função social da mulher.

FUNÇÃO SOCIAL DA MULHER E O FEMINISMO. — Nos livros de antanho, que se consagravam aos estudos sociologicos e moraes, era axioma a idéa de que ao sexo chamado fraco, competia a função, menos brilhante na apparencia, mas fundamental na essencia, de sêr a guarda ou melhor o symbolo do lar, antes de tudo e sobre tudo, a mãe de familia.

Vieram as refórmas radicaes, a liberdade roçou pela licença e as pregadoras do Feminismo puro cantaram, altisonantemente, a inilludivel necessidade, para ellas, reivindicacão da mais extricta justiça, de egualar em tudo o homem e a mulher, nos encargos e

nas vicissitudes da vida, como no exercicio de todos os mistéres, mesmo daquelles até então só exercidos pelo sexo forte.

Nada devia ser interdicto á actividade feminina que a tyrannia dos homens, por longos seculos, excluira do manejo e direcção dos negocios privados e publicos e do governo de si mesma até o governo da nação, nenhum obice podia ser estabelecido quanto áquella delicada parte do genero humano, outr'ora, iniquamente caracterizada, apenas, por estas duas coisas de somenos — a Belleza e a Graça.

Ser esposa e ser mãe, companheira e inspiradora do homem que escolhera para seu guia, educadora e formadora moral duma próle, não bastavam para collocar bem alto, em cimo inacessível ás baixezas e aos embustes das transacções e dos negocios, o papel da mulher na vida.

Força era que a mulher se immiscuisse em todos os meandros da miseria do viver, pois que para tanto não lhe fallecia nenhum predicado, ou melhor, semelhante em absoluto ao homem sob todos os pontos de vista, desde o physiologico ao moral, tornava-se ridiculo e summamente injusto, o não comparticipar ella do que, falsamente, se convencionou chamar — Fortuna e Gloria.

Em bem sei que as paladinhas da extrema esquerda da nova escola me acoimarão de exagerado, talvez de pervertedor da essencia mesma da sua doutrina, isto é, de que, por fórma alguma, pregam a perda ou sequer a minoração da influencia familiar da mulher.

Creio todavia que a occupação do elemento feminino fóra dos moldes estrictos da familia, no sentido antigo desta palavra, acarreta inilludivelmente o despedaçamento de vinculos e obrigações que por severas não perdem aquelle suave efflúvio de meiguice e ternura, obtenedoras de maiores proventos que a força ou poder.

Não se me accuse ainda de retrogrado ou caturra, quando julgo incompatíveis com as damas certos ramos da actividade humana, para os quaes, velho medico que sou, julgo lhes faltarem a precisão e o equilibrio physiologicos.

Que uma mulher possa, livremente, nobremente, corajosamente, ganhar o pão nosso de cada dia, no exercicio do magisterio, especialmente do magisterio primario para o qual são tão propicias suas faculdades innatas, quiçá mesmo no de algumas chamadas profissões liberaes, eu convenho e de maneira a mais cabal...

Mas, francamente, imaginar uma criatura de talhe gentil, de olhos transbordantes de seducção, toda mimo e toda fraqueza, empo-leirada na cesta de gavea dum navio de guerra ou a declamar, furiosamente, em trovejante "meeting" contra a politica financeira do governo ou as tramoias das ultimas eleições — é coisa que me

traria o riso aos labios si, por outras considerações, elles não se fechassem transidos de espanto e de receio pelo futuro da pobre gente humana.

Pobre gente humana, sim, cada vez mais soffredora, cada vez mais illudida na falsa esperança de que o nivelamento total das classes e dos sexos lhe abrirá, de par em par, as portas dum paraíso terreno...

Pobre gente humana, que inebriada na magia sonora de palavras tão vans como a propria inanidade dos conceitos que encarnam, se estorce e se esfrangalha nas arestas das chimeras inattigidas e inattigiveis.

Melhor seria, por ventura, soffrer resignadamente as contingencias mesmas que a existencia impõe e confiar em remedios extraterrestres, acalentando suavemente a doce esperança dum refugio eterno de paz e felicidade no seio ameno e immorredouro do Creador...

O interessante é, porém, que a nova seita de redempção feminina, sem embargo das numerosas adeptas cada vez mais numerosas que conquista dia a dia, não conseguiu e certo não conseguirá eliminar do espirito da mulher a necessidade fundamental, eu ia dizer physiologica, duma sujeição absoluta, inexoravel, incombatiavel... á moda...

A MODA. — Onde, quando e como nasceu sua majestade a moda, rainha incontestada e incontestavel de todos os corações femininos, quicá mesmo dos vossos, minhas afilhadas... quem o sabe?

O que ninguem ignora, entretanto, é que nenhum outro elemento, dentro ou fóra do mundo, age mais soberanamente sobre as companheiras de sexo das suffragistas inglezas...

E' bem de vêr que estas, na quasi unanimidade, feias, ossudas, parecidas com os homens aos quaes se querem equiparar, desprezam e detestam a moda que aliás tambem não se preocupa com ellas.

Que contam, no computo geral dos milhões de suas subditas, as centenas ou os milhares dessas revoltadas, a immensa maioria das quaes o é, por isso mesmo que lhes não concedeu a natureza os attributos exigidos pela deusa de suas devotas?...

A pluralidade, a quasi unanimidade não se atreve mesmo a discutir os seus "ukases"...

Em Pariz, porque é em Pariz que sua majestade installou o seu despotismo, se está usando meias "chair" com "lézard" vermelho?...

E' moda... e desde o Braz até Hygienopolis, todas, todas sem excepção, calçam a meia transparentissima, côr de carne, dentro do sapatinho mephistofelico.

Pelo ultimo vapor chegou o figurino em que se colloca a cintura abaixo, muito abaixo da situação mais ou menos anatomica que lhe cabe, tornando muitas criaturas tão respeitaveis pela idade e por suas virtudes, verdadeiras "talhas" ambulantes?... Que importa, é a moda.

Si um modelo, mais ou menos pago pelo costureiro pariziense em voga, se apresentou em Longschamp no dia do "Grand Prix" com os cabellos á "la Garçonne"... a ordem foi dada...

E a derrubada das lindas madeixas vae da criança á velha, do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará.

A moda, só a moda e sempre a moda.

E não se imagine que a tyrannia se exerça unicamente sobre o vestuario...

Ha moda... de falar, de andar, de rir e sobretudo de dansar...

A DANSA. — Desde que o mundo é mundo, a humanidade dansa... Dansou-se no Egypto, em Babylonia, na Grecia, em Roma, na China e no Japão.

Mas, nesses tempos, a dansa era uma profissão reservada naturalmente ás mulheres, porque só ellas têm a languidez e os meneios precisos para lhes realçar os encantos originaes (em que pese aos noveis dansarinos russos e balkanicos).

Triste profissão, entretanto, que era, ao menos no Oriente, um dos apanagios da escravidão e ás vezes o daquellas criaturas consideradas fóra da ordem moral e ás quaes, forçadamente, se impunha o sacrificio de distrahir e divertir os ricos e poderosos.

A evolução se fez e depois a dansa passou a sêr um divertimento em que podiam tomar e tomavam parte as mais lindas e as mais puras representantes do sexo de Eva.

Todavia, até bem poucos annos, nenhuma senhora ousaria desconchavar-se em publico por grotescos requebros de quadris, como actualmente se faz ás escancaras...

Era o regimen da pavana, da gavota, do minueto, symbolos legitimamente aristocraticos das dansas nos salões, um pouco mais tarde substituidos, graças ás victorias democraticas, pela valsa, pela polka ou pela quadrilha.

A moda, entretanto, achou que tudo isto era muito "rocôcô" e como na America, onde nesse particular ella tem os seus mais legitimos interpretes, os pobres negros desprezados e os caboclos bailavam o passo da raposa, o passo do urso e outros passos mais ou menos sambados, sua majestade houve por bem que penetrassem nos finos e luxuosos palacios da actualidades, de cambulhada e aos pulinhos requebrados e desgraciosos, o "fox-trot", o tango e o... maxixe.

O maxixe, santo Deus!

Eu não sou ainda velho... de todo, minhas afilhadas, mas si me dissessem, ha vinte e cinco annos quando em pleno viço se ostentava em mim a mocidade, que os meus pobres olhos teriam de vêr installado nas casas de família o que então só se mostrava em logares defesos aos menores, aos homens e ás mulheres de bem... sem duvida eu apodaria de insensato quem tal infamia ousasse pronunciar.

Mas, a moda o quiz e o repinicado bailar pulou das escusas alcovas da cidade nova do Rio de Janeiro para os salões opulentos da avenida Beira-Mar ou Copacabana, de onde galgou, através da Serra do Mar, o sitio da vetusta Piratininga e tomou aposento em varios bairros, no Bom Retiro e na Moóca, na Villa Buarque e na Avenida...

E, como tudo o que é mau encontra proselytos, sua alteza o maxixe, festejado e adulado, internou-se e se assenhoreou de muita gente, em muita parte...

O grave é que a dança de agora sobre sêr (é bem entendido, na minha fraquissima opinião) altamente anti-esthetica, sem graça nem belleza, sem garbo nem originalidade, é ainda por muitos considerada lesiva a alguma coisa que até aqui resistira aos embates da tormenta: o pudor.

O PUDOR. — Ahi têm as senhoras afilhadas um capitulo difficil de ser tratado, por excessivamente melindroso, principalmente depois que as "melindrosas" mais o tornaram...

Si, no entanto, na opinião do nunca assás calumniado conselheiro Accacio, tudo se pôde dizer, desde que a fórma seja escoreitá, eu direi que para muitos imperterritos "passadistas" o pudor, na sua mais lidima comprehensão e a dança de hoje "hurlent de se trouver ensemble"... ao menos na quasi unanimidade dos encontros.

Porque... é melhor não esmieuçar...

Sem duvida, não foi a dança que mandou supprimir de todo as mangas, nem arrebicar o decote fronteiro ou trazeiro até excessivos limites ou, numa especie de crescendo suppressivo, diminuir o outróra longuissimo comprimento das saias para o curtissimo de hoje...

O autor dessa medida cada vez mais sem medida é o modernismo, principe consorte de sua majestade a moda...

O MODERNISMO. — Ella e elle, o modernismo e a moda se amalgamam, se completam, se confundem...

Quando não se appella como justificativa de mais uma formidável ousadia na arte, no viver social e até na politica, para a moda, o recurso vae ter ás mãos do modernismo...

E' moderno, é de hoje, é preciso acompanhar a evolução; nada de retrogrados...

Já é muito que se não queiram antecipar os tempos e que não se installe desde logo, em todos os ramos da actividade humana, o "futurismo"...

Consequentemente cumpre seguir todas as inovações...

O diabo, porém, é que esse modernismo não é e não apresenta nenhuma novidade...

Os que ainda se dão ao penoso trabalho de folhear os velhos livros, preferindo o convívio delles, aos velocissimos passeios, por entre a poeira, nos automoveis a 120 á hora ou nos aeroplanos a 200 e tantos, sabem que nas côrtes dos Sardanapalos ou dos Balthazares, na Grecia dos ultimos gregos, sobretudo, naquella Roma dos Macrinos, dos Heliogabalos, dos Romulos Augustulos, havia tambem um modernismo de occasião que julgava réles e fossil o passado austero, virtuoso e familiar dos seus ancestraes...

E o peor é que as coisas acabaram muito a contragosto dos "modernistas" de então, principalmente para os descendentes dos Coriolanos e dos Marcellos, por força de entrada em scena duns tantos typos grandes, de bigodes vermelhos e musculos rijos, que não concordando com as theorias ultra adeantadas delles, acabaram a pau, a ferro e a fogo, com todas aquellas novissimas concepções.

Antes pois que de além Pacifico surjam "quod Deus avertat" (perdoem-me os futuristas este latim) uns individuos em geral baixos, retacos, de facies severo e triste, que tanto sabem manejar um fuzil-metralhadora como lobrigar, no mundo dos infinitamente pequenos, o germem do sarampo, queiram liquidar os ultra modernos de hoje, como os francos, os anglos, os saxões, os wísigodos e "tutti quanti" fizeram com os romanos da decadencia... talvez seja melhor reagirmos nós mesmos...

Eu quero crêr que foi um pouco por isso que, não ha muitos dias, a velha Albion deu um passo... para traz...

O EXEMPLO DA INGLATERRA. — Não ha quem desconheça pertencer aos habitantes das ilhas onde domina no seu esplendido isolamento a antiga raça dos anglo-saxões, dos pictos, dos scottos e dos normandos, a comprehensão mais nitida e mais absoluta da Liberdade.

Foram mesmo elles que a crearam desde os tempos daquelle fascinoroso João Sem Terra e que a aperfeiçoaram até o modelo, inegualavelmente polido, do regimen dos Beaconsfield ou dos Gladstone.

Ora, creou-se alli um partido trabalhista que encarnou os mais puros principios, da moderna corrente, em sciencia politica.

Regularmente, legalmente, sem bernardas nem pronunciamentos, os trabalhistas foram ao poder.

Coisa singular, entretanto, nelle não permaneceram longamente e de subito, sem estrepito, sem bulha nem matinada, regularmente, legalmente, os conservadores, isto é, o passado, obteve dias atraz, nas urnas, a maior victoria que partido algum, em terra civilizada, ganhou jamais.

Era preciso recuar e o velho bom senso inglez não hesitou... reagiu...

A REACÇÃO. — O que fizeram os compatriotas de John Bull no dominio da politica, porque não poderemos realizar nós outros nos terrenos infestados pelo virus do modernismo "à outrance" ?

Evidentemente não convem e nem é possivel recuar até o carro de boi ou o bangué, nem se vestirem as damas com aquelles corpetes abotoados até os confins do maxillar e do occiput e as saias de cauda... ou retornarmos aos bailes de 1830...

Mas ainda aqui Accacio teria razão invocando o meio termo, isto é, nem tanto ao mar nem tanto á terra...

O que parece imprescindivel é "brecar"... e ahi tem as minhas afilhadas, como eu mesmo não pude escapar á influencia da Moda e do seu nobre esposo o Modernismo, empregando uma expressão que não é nem vernacula nem de uso limpo...

Quem terá mão adestrada para tanto ?

Vós, minhas afilhadas, vós, as vossas collegas de hontem e de amanhã, vós que podeis e deveis exercer a missão de professoras, numa amplitude além daquella em que technicamente se entende o vocabulo.

A MISSÃO DA PROFESSORA. — Sim... E' á vossa modesta, quasi humilde, mas altissima profissão que cumpre tomar a deanteira nessa cruzada benefica e sagrada, pela destruição de habitos novos e despudorados e pelo reerguimento dos antigos moldes simples e familiares nos quaes, por tantos longuissimos annos, viveu e floresceu a sociedade de nossa terra.

Sois vós, que a par das mães de familia, tendes o mais intimo contacto com as crianças, e sois vós mais, talvez, que as proprias progenitoras, as primeiras que lhes abris os escaninhos da vida, revelando-lhes as noções iniciaes das coisas deste mundo, fóra da orbita estreita e apoucada do convivio caseiro.

Tratae pois de lhes corrigir as tendencias que por ventura ellas tragam dos lares mal formados e sem rebuços, chamae-lhes a attenção para os erros e os exageros dos vestuarios descuidados, dos bracinhos nús até ás axillas, dos collos innocentes expostos á inso-

lencia de todos os olhares, das pobres perninhas magras estateladas impudentemente até acima dos joelhos.

Ensinae-lhes carinhosamente, mas, severamente, sem transigencias, quanto todas essas modas são prejudiciaes e sobretudo feias, porque ao envez de lhes cobrirem os defeitos, os escancaram...

Não permittaes que ellas se destemperem na linguagem das ruas quasi triumphante nos salões e nas salas; não consintaes que as pobrezinhas imitem os ademanes indecorosos de certas "estrellas" de cinema e principalmente não deixeis nunca que esmaeça, naquelles coraçãozinhos tão novos e tão ingenuos, a santa noção do Ideal, nobre, puro, alvo, unico phanal possível entre as tempestades irremediaveis deste "lachrymarum valle".

Sem embargo, de vossas antecessoras, eu vos supplico, eu vos concito que dilateis esse eminentissimo e inexgotavel campo de acção.

Labutae, sem pejo nem medo, incessantemente, inexoravelmente, contra essas tendencias malevolas que deturparam a verdadeira nobilissima missão da mulher na sociedade; encarniçae-vos contra a Moda, contra o Baile, contra o Vestuario, quando julgardes, como estou certo que haveis de julgar, attentarem elles contra o Bem e contra a Moral.

Não vos importeis com a vasa dos scepticos ou dos amoraes, antes prosegui, afanae-vos...

Os vossos trabalhos frutificarão e um dia, repousadas na quietude do dever cumprido, recebereis os louvores e as bençams das gerações vindouras, preparadas pela vossa infatigavel coragem, pela vossa tenacidade e pelo vosso amor ao Ideal, para os imprescritiveis destinos de bem servir a Familia, a Patria e a Humanidade..."

NOTÍCIAS

MATRICULAS

Pela tabella abaixo, verifica-se o movimento das matriculas nos Grupos-escolares, Escolas-reunidas e Escolas-isoladas do Estado, até ao mez de abril do anno proximo findo.

Por ella se observa ainda que a matricula geral nesses estabelecimentos attingiu á somma de 210.336 alumnos, e, naquelle mez, contava o numero effectivo de 192.442 crianças.

Matricula geral e actual dos cursos primario e médio em abril de 1924

REGIÕES	GRUPOS ESCOLARES				ESC. REUNIDAS		ESC. ISOLADAS	
	Curso primario		Curso médio		Geral		Geral	
	Geral	Actual	Geral	Actual				
1. ^a Região . . .	20.966	19.940	7.636	6.999	10.155	9.006	11.075	9.945
2. ^a " . . .	2.774	2.635	413	404	1.055	1.019	1.638	1.570
3. ^a " . . .	3.391	2.901	508	386	1.541	1.285	5.157	4.735
4. ^a " . . .	3.098	2.778	815	725	1.629	1.542	4.919	4.558
5. ^a " . . .	3.569	3.421	1.338	1.236	4.602	4.128	6.482	5.733
6. ^a " . . .	5.282	5.282	1.503	1.503	7.012	6.982	5.004	4.888
7. ^a " . . .	3.737	3.411	611	558	4.591	4.058	3.563	3.204
8. ^a " . . .	1.465	1.400	448	433	1.603	1.535	3.855	3.684
9. ^a " . . .	4.912	4.440	1.390	1.307	2.901	2.537	9.676	6.121
10. ^a " . . .	5.326	5.064	986	939	2.072	1.917	3.256	3.056
11. ^a " . . .	2.437	2.278	293	283	3.838	3.496	2.034	1.883
12. ^a " . . .	1.483	1.343	310	278	4.137	4.605	1.546	1.294
13. ^a " . . .	4.537	4.319	1.525	1.453	2.673	2.349	4.569	3.901
14. ^a " . . .	3.390	3.295	861	826	4.638	4.541	1.901	1.796
15. ^a " . . .	1.868	1.707	294	277	4.833	4.277	1.215	978
SOMMA . . .	68.235	64.214	18.931	17.607	57.280	53.275	65.890	57.346

FÉRIAS ESCOLARES

Foram modificadas as férias nas escolas das zonas caféieras do Estado, para as quaes será feriado todo o mez de janeiro corrente.

UNIFORMIZAÇÃO DE FÉRIAS

Do presente anno em diante serão uniformizadas as férias escolares, para todas as escolas primarias do Estado.

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ACTOS DIVERSOS

Pelo Sr. Director Geral foram enviadas ás delegacias regionaes de ensino, as seguintes circulares:

S. Paulo, 10 de outubro de 1924. Sr. delegado regional, recommendo vossas providencias no sentido de sêr enviado a esta directoria um quadro demonstrativo das classes existentes nos grupos-escolares dessa região, sempre que houver proposta de restabelecimento ou supressão de classes nos mesmos. Os quadros demonstrativos devem sêr acompanhados duma lista de addidos, si houver, com declaração da situação em que cada um se acha. Attenciosas saudações. (a) *Pedro Voss.*

S. Paulo, 16 de outubro de 1924. Sr. delegado regional, tendo em vista a conveniencia de serem esclarecidas e justificadas as propostas de remoção de professores, "por necessidade do ensino," feitas ao governo por esta directoria, recommendo vossas providencias junto aos inspectores e auxiliares do ensino dessa região, no sentido de prestarem sempre informações, as mais completas e seguras, quando fizerem qualquer proposta sobre o assumpto. Attenciosas saudações. (a) *Pedro Voss.*

S. Paulo, 11 de novembro de 1924. Sr. delegado regional, cumprindo determinação de S. Exc.^{ia} o Sr. Dr. Secretario do Interior, recommendo vossas providencias no sentido de não se fazerem ligações interurbanas nosapparelhos telephonicos das delegacias e estabelecimentos de ensino ás mesmas subordinadas, sinão em serviço publico, com declaração expressa do nome e do cargo de quem quer falar. Attenciosas saudações. (a) *Pedro Voss.*

S. Paulo, 22 de novembro de 1924. Sr. delegado regional, para que seja rigorosamente cumprida, S. Exc.^{ia} o Sr. Dr. Secretario do Interior reitera a recommendação já feita no sentido de serem mantidas por todos os chefes de serviço e autoridades escolares as despesas a seu cargo, dentro das respectivas verbas, evitando, por esse meio, a má pratica administrativa de se recorrer a verbas extraordinarias afim de cobrir excesso de despesa, de certa parte do anno em deante. Attenciosas saudações. (a) *Pedro Voss.*

No officio em que um prefeito municipal pede dispensa duma professora, porque consulta vtaes interesses da politica do municipio, foi dado pelo Sr. Dr. Secretario do Interior o seguinte despacho:

“Responda-se, transmittindo cópia do parecer da Directoria Geral da Instrucção, á vista do qual não pôde sêr attendida a solicitação constante do presente officio.”

Eis a cópia:

“Esta Directoria lamenta não poder dar o seu apoio ao Prefeito municipal de... Os professores são funcçionarios do Estado e devem sêr conservados, enquanto bem servirem aos interesses do ensino. Nenhum facto é allegado contra a professora e apenas pedida a sua remoção, “pelos vtaes interesses da politica.” Não pôdem sêr os “interesses da politica” que reclamam as providencias pedidas pelo Sr. Prefeito municipal.

SECRETARIA DO INTERIOR

ACTOS DIVERSOS

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, attendendo ao que lhe representou o Sr. Director Geral da Instrucção Publica e tendo em vista a conveniencia de systematizar a acção administrativa nas escolas-reunidas do Estado, resolve adoptar o seguinte criterio para a organização e direcção das mesmas:

- a) não haverá escolas-reunidas de menos de 3 classes;
- b) nas que tiverem 3 a 4 classes, um dos professores accumulará a direcção, com a gratificação de 50\$000 mensaes;
- c) as que tiverem 5, 6 ou 7 classes e funcionarem num só periodo, terão director com os vencimentos actualmente estabelecidos;
- e) desde que as escolas tenham 8 ou mais classes, serão transformadas em grupos-escolares com a organização privativa destes.

Secretaria dos Negocios do Interior, em 12 de novembro de 1924. (a) *José Manoel Lobo.*

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, attendendo ao que lhe representou o Sr. Director Geral da Instrucção Publica e tendo em vista que a diversidade de épocas para exames e férias em escolas do mesmo municipio prejudica sensivelmente a marcha e direcção de ensino publico, resolve: transferir para o mez de janeiro as férias concedidas em dezembro para as escolas de zonas caféiras, uniformizando egualmente, no proximo anno lectivo, o periodo de férias para todas as escolas primarias do Estado, qualquer que seja a sua categoria. Secretaria dos Negocios do Interior, em 3 de dezembro de 1924. (a) *José Manoel Lobo.*

Despacho exarado no requerimento em que D. Anna Sampaio, substituta efectiva do Grupo Escolar "Cel. Carlos Porto", de Jacarehy, solicitou pagamento de vencimentos integraes, por ter substituido a adjuncta do mesmo estabelecimento, de 22 a 29 de fevereiro, de 1 a 10 de março e nos dias 13 e 14 do mesmo mez:

"São dignos de attenção e, em grande parte, de manifesta procedencia, os reparos sobre pagamento em casos de substituição, constantes da informação supra e retro, formulados a proposito do requerimento da substituta efectiva D. Anna Sampaio.

Na vigencia, porém, da lei n. 1.750, de 8 de dezembro de 1920, tal pagamento terá que se effectuar com observancia de seu artigo 24, muito embora não se tenha este inspirado em criterio de inteira justiça, *uma vez que consagra desigual remuneração para funções identicas, subordinadas ao mesmo programma e ao mesmo horario.*

Cumpre advertir, porém, que a disposição do art. 24, da citada lei, não é original da refôrma de 1920; — ella apenas generalizou a todas as substituições do departamento da instrucção publica, a fôrma de remuneração estabelecida na Consolidação das Leis sobre o Ensino, artigos 186 e 299, para as substituições exercidas por professores substitutos effectivos.

E' de vêr, portanto, que sua intelligencia e applicação não pôdem escapar ao natural influxo e á acção harmonica da legislação anterior não revogada, de longa e uniforme pratica, e notadamente dos artigos 186, 188, 299 e respectivo § unico da Consolidação.

A desigualdade de remuneração por trabalho identico — veiu, pois, do regimen legal anterior ao da refôrma de 1920, porque a Consolidação dispõe, clara e expressamente, já quando trata dos substitutos effectivos (art. 186) já quando se occupa de vencimentos (art. 299) — "*Os professores substitutos effectivos dos grupos escolares e outros estabelecimentos de ensino só perceberão os vencimentos que perderem os professores aos quaes effectivamente substituirem.*"

De accôrdo com a Consolidação, semelhante fôrma de remunerar substituições, só se applicava aos substitutos effectivos, pois, ella não cogitou da substituição de funcionarios administrativos, e regulou de maneira diversa a dos substitutos interinos, como resalta do art. 299, § unico: — "*os substitutos interinos nomeados para servirem nos impedimentos dos professores de escolas isoladas ou grupos escolares, só perceberão as gratificações que perderem os substituidos.*"

Assim, o citado art. 24 uniformizou o pagamento por substituições, extendendo a todos os casos a fôrma de remunerar que até então só se applicava aos substitutos effectivos. Na sua expressa generalidade elle abrange e regula todas as substituições verificadas no departamento da instrucção publica, *determinando que o substituto perceba o que o substituido perder.*

Elle não estabelece, nem autoriza distincções; considera e tem por objectivo a função, sem se preoccupar com a natureza commum ou especial da licença ou afastamento, e bem assim com a pessoa que exerce a tal função, seja professor diplomado ou leigo, substituto effectivo ou interino.

Nesses claros termos, nenhuma influencia modificativa do apontado criterio legal tem ou póde ter — quer o facto de substituição sêr confiada a leigo ou substituto effectivo, quer a circumstancia de se tratar de licença especial, como a prevista no art. 13, da lei 1.710, de 1919, e nos artigos 19 e 25 da lei n. 1.521, de 1916, porquanto:

1.^o) a lei — citado art. 24 — nenhuma distincção estabelece; só objectivou a funcção e teve mesmo em vista generalizar uma determinada fórma de pagamento por substituição;

2.^o) não poderia estar na mente do legislador attribuir a substitutos leigos ou extranhos ao quadro dos professores effectivos, remuneração maior do que a percebida pelos diplomados effectivos ou interinos, pelo exercicio de funcção identica;

3.^o) qualquer distincção a esse respeito será contraria não só aos legitimos interesses do ensino, por afastar da pratica em Grupo-Escolar os substitutos effectivos, que hão de preferir a posição de extranhos, em que recebem vencimentos integraes, e não ficam subordinados ao ponto diario e outros deveres do cargo especial de substituto effectivo, como tambem aos do Estado, pelo injustificado augmento de despesa;

4.^o) no regimen legal, anterior á refôrma de 1920, só a regencia de classe vaga determinava vencimentos integraes e a favor exclusivamente de substituto formado (Consolidação, no art. 187, § unico) não se considerando, porém, classe vaga a do professor licenciado nos termos dos artigos 311 e 312, que correspondem aos artigos 13 da citada lei n. 1710, e 19 e 25 da lei n. 1521, tambem citada, como expressamente dispõe a mesma Consolidação no art. 188;

5.^o) pelo simples facto de acceitar a substituição — o leigo ou diplomado extranho ao quadro — passa a exercer, embora temporariamente, funcção publica, prevista e regulada por lei, que figura no respectivo quadro, e entra assim no regimen legal dos que contractam com o Estado a prestação de serviços para os quaes a lei estabeleceu determinada remuneração.

Essa é a verdadeira intelligencia da lei no tocante á remuneração das substituições que se verificarem no departamento da instrucção publica, não só tendo em consideração a letra e o espirito da lei n. 1750 de 1920, como o espirito e a letra da legislação anterior a essa refôrma, e numa longa, uniforme e bem orientada pratica.

A' luz dum tal criterio, aliás, firmado de accôrdo com o decreto, não escapa aos reparos da Secção o despacho deste Secretariado, de 14 de junho do corrente anno, que não comporta a extensão que lhe querem attribuir os interessados, e o qual se refere á informação de fls. 3.

Inspirou-se elle apenas num dos aspectos do caso juridico. Estudo, porém, mais detido de todo o systema legal sobre pagamento por substituições, no regimen da lei de 1920, em confronto com toda a copiosa legislação anterior consolidada, convence que tal despacho não encerra a verdadeira interpretação da lei, e este Secretariado o confessa com a franqueza e coragem de quem não deve, não pôde e por isso não quer perseverar em erro que reconhece. E assim, seus effeitos devem ficar restrictos aos casos concretos sobre que versou.

Determina o citado art. 24 que nas substituições em geral o substituto perceba o que o substituido perder. Casos ha, porém, em que, pela natureza especial da licença, o substituido nada perde. Nesses a applicação do dispositivo obedecerá ao systema da propria lei, nelle expresso, e isto em obediencia aos principios geraes de direito. E assim, o substituto receberá o que o substituido perderia si não se tratasse de licença especial, pois que nesses casos, que são os dos citados artigos 13 da lei n.º 1710 de 1919, e de 19 e 25 da lei n. 1521 de 1916, o beneficio e premio são concedidos ao substituido, por motivo de interesse publico, que não attinge o substituto.

Na especie propriamente do requerimento de D. Anna Sampaio nenhum fundamento levará a deferir o pedido, uma vez que a supplicante é substituta effectiva, e quer pela lei actual, art. 24 e Reg. n. 3356, art. 173, § unico, tanto quanto pela legislação anterior, Consolidação — arts. 186 e 299, só tem direito a perceber o que o substituido perder.

Quanto aos demais requerimentos annexos estão subordinados ao mesmo criterio, adoptado no presente despacho e pelos fundamentos delle.

Interior, 7 - 11 - 924, — (a) *José Lobo.*”

Cópia do despacho exarado no requerimento de licença do professor Antonio Vieira Filho, pelo Sr. Dr. Secretario do Interior.

As exigencias do § 2.º do art. 17, dec. n. 3205, de 1920, conforme foi decidido em anterior despacho, aliás, desenvolvidamente fundamentado, devem sêr satisfeitas em toda e qualquer licença requerida por professor preliminar por motivo de molestia, seja esta em sua pessoa, seja em pessoa da familia a que esteja obrigado a prestar assistencia immediata. Os artigos 16 e 17 daquelle citado decreto encerram os principios fundamentaes reguladores da mate-

ria e delles resalta, expressa e imperativamente, com toda a clareza que a lei tem em vista, como prudente e justa preocupação determinada pelo interesse publico, dois factos capitaes de ordem administrativa: a continuidade nas funcções do professor primario e a ininterruptibilidade do ensino, continuidade de exercicio de quem rege a classe ou pela sua immediata substituição, quando forçado a interrompel-o. A instrucção publica é, em ambos os casos, grandemente prejudicada. Com a interrupção do ensino soffrem directamente os alumnos, com o afastamento soffre directamente o mestre nas suas elevadas funcções pedagogicas, pois é pelo exercicio, pela continuidade functional que elle mantem e desenvolve as indispensaveis aptidões, garantindo a efficiencia do ensino, que é exigida substancialmente pelo interesse publico. E' assim que o artigo 16 véda terminantemente ao professor preliminar ficar fóra do exercicio por mais de 8 dias, a não sêr em goso de licença, punindo severamente a sua violação; o art. 17, por sua vez determina sempre imperativamente, que esse professor não entre em goso de licença sem passar o exercicio do cargo a substituto legal, salvo provando que estava de cama, circumstancia que deve constar expressamente do requerimento, com a indicação do local, rua e numero da casa em que está, sob pena de não sêr encaminhado o requerimento á Secretaria. Essa exigencia da continuidade das funcções, e no ensino, abrangendo mestre e discípulo, corresponde por sua propria natureza a uma necessidade de caracter geral, e deverá por isso sêr satisfeita em todos os casos de licença motivados por molestia, pessoal ou de pessoa da familia do professor, porque a necessidade publica predominante é a mesma num como noutro caso, cumprindo á autoridade competente cohibir por todas as fórmulas dentro da lei, os multiplos e inveterados abusos praticados, em materia de licença. Além de juridica e legal, essa decisão é reclamada immediatamente pelo interesse publico, porquanto, outra fosse a intelligencia dada aos dispositivos reguladores do inicio declarado em materia de licença, e os interessados, visando a sua applicação, recorreriam de preferencia ao fundamento da molestia da familia, allegação possivel na generalidade dos casos. Os abusos nessa materia têm-se multiplicado, pela convicção alimentada pelos professores, de que, afinal, e por equidade conseguem regularizar o afastamento, aliás, illegal. O sentimento que o professor deve, entretanto, alimentar, e a autoridade nelle deve cultivar praticamente, é a necessidade da exacta observancia da lei, assegurando que ella será sempre cumprida, e a sua violação seguida sempre da penalidade correspondente. O recurso á simples equidade só excepcionalmente deve ter cabimento, mesmo porque, na legitima intelligencia da lei, na juridica interpretação desta, já entra por muito o influxo de equidade. Por esses

fundamentos não tem procedência o ponto de vista patrocinado pelo Sr. official, na informação de fls. 3. Por certo que a situação do supplicante, motivada por molestia subita e grave de sua esposa, em logar distante daquelle em que está exercendo o magisterio, legitima o seu immediato afastamento. Os factos que a constituem e caracterizam devem sêr por elle provados, e provados pela fôrma prescrita na lei e não o desobrigam além disso, de passar o exercicio do cargo e fazer as devidas communicações. Ora, o attestado medico offerecido é omisso em partes essenciaes; a) não declarar que a esposa do supplicante estivesse de cama, ao tempo em que se iniciou o afastamento, e simplesmente que estava enferma em consequencia de recente puerperio, necessitando por isso da assistencia do marido; b) não indica o prazo provado para o seu afastamento, digo tratamento, e ao qual deve corresponder o periodo da licença. Sejam, pois, sanadas pelo supplicante essas faltas ou omissões, por meio de novo attestado, ou mediante declaração do medico assistente, no próprio attestado a fls. 8, que para esse fim poderá sêr restituído.

INDICE

	PAG.
A "REVISTA ESCOLAR".	1
LIÇÕES PRATICAS:	
Composições collectivas	2
Cidades principaes de S. Paulo.	4
Os ruminantes	6
O rectangulo.	8
O sujeito.	10
As folhas	11
A Arithmetica no 1.º anno	12
PEDOLOGIA:	
Crianças tardias.	17
A imaginação e suas variedades na criança	19
O estudo experimental da criança	22
LIÇÕES DE COISAS:	
Os alimentos e a alimentação	25
O ferro	26
O algodão	27
Os tecidos	28
A agua	29
METHODOLOGIA:	
Processo educativo	30
LITERATURA INFANTIL:	
A laranjeira	33
Rosa	34
Os dedos.	35
Alegria e tristeza	35
Os passaros	36
O cavallo e as ostras	37
Crianças	38
Os estados dos corpos.	39
Uma historia.	40
Dedicação.	41
A caixinha de sementes	41
ESCOTISMO:	
Valor do escotismo.	44
QUESTÕES GERAES:	
Palestra sobre ensino	45
Bibliothecas infantis	50
Disciplina escolar	52
PELAS ESCOLAS:	
Escolas ruraes	54
Escola Normal do Braz	55
NOTÍCIAS:	
Matriculas	63
Férias escolares.	63
Uniformização de férias	63
DIRECTORIA GERAL:	
Actos diversos	64
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos	66